



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS VERNÁCULAS**

**LUCAS CORREIA DE SOUZA PORTELA**

**LINGUAGEM E LITERATURA NEGRA EM PERSPECTIVAS**  
**ELETROPORTÁTEIS:**  
**A PRODUÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO APLICATIVO “AFRO-**  
**BAIANIDADE NO A TARDE CULTURAL”**

Salvador

2015

**LUCAS CORREIA DE SOUZA PORTELA**

**LINGUAGEM E LITERATURA NEGRA EM PERSPECTIVAS  
ELETROPORTÁTEIS:  
A PRODUÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO APLICATIVO “AFRO-  
BAIANIDADE NO A TARDE CULTURAL”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de bacharelado em Letras Vernáculas, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de bacharel em Letras Vernáculas.

Orientadora: Profa. Dra. Lívia Maria Natália de Souza Santos

Salvador

2015

*Às 03 Marias especiais na minha vida: Maria de Nazaré, Maria José e Maria da Conceição.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a Nossa Senhora e às forças da natureza, os Orixás, pelas portas abertas e direcionamentos que me fazem trilhar o caminho do bem. Axé.

A minha mãe, Maria, por absolutamente tudo.

A minha orientadora acadêmica e de vida, Maria da Conceição Pinheiro Araújo, por todas as oportunidades e pela sincera amizade durante todos esses anos.

A minha irmã, Juliana, pela cumplicidade e confiança. A Chico, meu filho amado, e a Puff, meu sobrinho querido.

A Lívia Natália, por todo o apoio e paciência empregada durante o processo de orientação deste trabalho. Sem a sua competência e solicitude, estaria perdido.

*“Inteligência é a capacidade de se adaptar à mudança.”*

- STEPHEN HAWKING

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão trata dos novos formatos de produção de conteúdo e leitura digital para dispositivos móveis, detalhando o processo de desenvolvimento do aplicativo de leitura *Afro-baianidade no A TARDE Cultural*, ao passo que discute o conceito de afro-baianidade pelo ponto de vista dos blocos afro do Carnaval de Salvador, tendo como corpus os textos sobre a temática veiculados no suplemento cultural do Jornal *A TARDE*. Dividido em três capítulos, o trabalho primeiramente faz um apanhado histórico sobre a presença do negro na imprensa baiana, para então discutir o conceito de baianidade e afro-baianidade, buscando entender suas repercussões na cultura da sociedade baiana, ao passo que ilustra o posicionamento de alguns atores acerca do tema com o que o jornal *A TARDE* publicou em seu suplemento cultural. Por fim, o trabalho mostrará o processo de desenvolvimento do aplicativo “Afro-baianidade no *A TARDE Cultural*”, tendo como ponto de partida as novas ferramentas da Tecnologia da Informação para a programação de aplicativos para dispositivos eletroportáteis.

**Palavras chave:** Tecnologia da Informação, Afro-baianidade, Literatura Baiana, Jornalismo Cultural, Linguagem de Programação

## ABSTRACT

This final project deals with new content production formats and digital readout for mobile devices, detailing the development process of the *Afro-Bahian on A TARDE Cultural* reading application, while discusses the concept of african-baianity by point view of african carnival groups from the Salvador Carnival, considering as the corpus texts on the theme conveyed in the cultural supplement of the *A TARDE Journal*. Divided into three chapters, the work first makes a historical overview about the presence of black people in the Bahian press, and then discuss the concept of baianidade and african-Bahian, seeking to understand their impact on culture of Bahian society, while illustrating the positioning some actors on the subject with what the newspaper *A TARDE* published on its cultural supplement. Finally, the work shows the application development process "Afro-Bahian on Cultural AFTERNOON", taking as its starting point the new tools of information technology for application programming appliances to devices.

**Key words:** Information Technology, Afro-Bahian, Bahia Literature, Cultural Journalism, Programming Language

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	8
2. O CADERNO CULTURAL DO JORNAL A TARDE: UM PERIÓDICO NEGRO? .....	14
2.1 O Negro na Imprensa Baiana .....	14
2.1 O “A TARDE Cultural” na Paisagem da Imprensa Baiana .....	25
3. AFROBAIANIDADE NO “A TARDE CULTURAL” .....	29
3.1 Ser Baiano e/ou Afrobaiano? As Questões de Identidade e Afirmação na História da Sociedade Baiana, a partir do ponto de vista dos Blocos Afro .....	31
3.2 Afrobaianidade no A TARDE Cultural: Literatura, Opinião e Artes Afrobaianas na Pauta do Periódico .....	35
3.3 Aplicação das Escrituras Negras no A TARDE Cultural em Contextos Educativos: As Leis 10.639/03 e 11.645/08 e a proposta do IFBA para o Curso de Pós-graduação <i>latu sensu</i> em Estudos Étnicos e Raciais.....	50
4. O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO APLICATIVO “AFRO-BAIANIDADE NO A TARDE CULTURAL” E AS NOVAS PROPOSTAS DE ATUAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DO PROFISSIONAL DE LETRAS E LITERATURA .....	54
4.1 O Mercado de Leitura Digital na Contemporaneidade e a Inclusão de Conteúdos Negros para a Disseminação de Discursos Igualitários: O Caso dos Aplicativos <i>Escrituras Negras no A TARDE Cultural</i> e <i>Afro-baianidade no A TARDE Cultural</i> .....	55
4.2 Tecnologia e Formação dos Profissionais de Letras: A Experiência em Programas de Iniciação Tecnológica e Inovação Durante a Graduação em Letras Vernáculas .....	61
4.3 Da Expressão Textual e Literária à Linguística Algorítmica: A Criação de Códigos-fonte de Aplicativos de Leitura na Contemporaneidade e a Metodologia de Produção do App <i>Afro-baianidade no A TARDE Cultural</i> .....	64
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	70
REFERÊNCIAS .....	72

## 1. INTRODUÇÃO

A tecnologia sempre esteve a serviço do universo as Letras e da Literatura. Desde a invenção do papel às primeiras máquinas de impressão, as inovações editoriais foram responsáveis por se fazerem escoar as vozes e ideias de grandes escritores, gramáticos, linguistas, poetas e demais profissionais da escrita. Poucas vezes na história, contudo, a tecnologia foi responsável por criar os meios pelos quais se pudessem propagar as diásporas do povo africano no mundo, principalmente pelo fato desta ser dominada por uma sociedade hegemonicamente branca e detentora do poder financeiro e intelectual capaz de explorá-la e determinar seus usos. Este é um quadro que perdurou durante séculos em nossa sociedade e apenas começou a ser mudado nas últimas décadas, graças à universalização dos meios de comunicação e democratização das informações através da internet e de outras redes, em um movimento ainda tímido e gradual, mas que tem se efetivado através de iniciativas individuais e coletivas que visam a disseminação de conteúdos que contemplem a africanidade pelo mundo, a reparação histórica, o resgate cultural de comunidades negras e, acima de tudo, o respeito aos afrodescendentes.

O presente trabalho de conclusão de curso é uma dessas iniciativas. Iniciado em 2009, através de um projeto de iniciação científica Jr, no IFBA – Campus Salvador, o projeto *Escrituras Negras no Caderno Cultural do Jornal A TARDE* visava o resgate digital de escritos sobre africanidade, afro-brasilidade e afro-baianidade no antigo suplemento cultural do *Jornal A TARDE*, um dos maiores periódicos baianos, cujos exemplares, após a extinção do caderno de cultura que circulava aos sábados, estavam esquecidos nos acervos particulares e públicos do estado. O projeto, assinado e orientado pela profa. Dra. Maria da Conceição Pinheiro Araújo (IFBA – Campus Salvador), tinha como objetivo produzir um catálogo impresso com uma seleção de textos sobre negritude, africanidade a afro-brasilidade, publicados no extinto *A TARDE Cultural*, que poderia ser posteriormente utilizado em contextos educativos. Em 2011, quando a sociedade vivenciava o *boom* dos primeiros *smartphones* e demais dispositivos eletroportáteis de consumo de conteúdo e telecomunicações, propus que o projeto estivesse também alinhado às novas tendências tecnológicas. Desse modo, o catálogo tradicional viraria um aplicativo de leitura multimodal, com imagens dos textos originais após a digitalização, resenhas e artigos.



Este aplicativo, batizado de “*Escrituras Negras no A TARDE Cultural*”, ficou disponível gratuitamente nas plataformas on-line dos sistemas operacionais *Android* e *iOS*, e também foi disponibilizado uma versão *HTML 5* ou *C#* para que usuários dos sistema *Windows Phone* pudessem também ter acesso ao produto. A produção e o desenvolvimento do aplicativo se deu graças a um projeto institucional de iniciação tecnológica e inovação (PIBITI-CNPq/IFBA), através do qual, como pesquisador, tive de encontrar meios de unir a produção e a análise textual e literária à Tecnologia da Informação e Comunicação para poder criar um produto diferenciado que fomentasse a leitura de conteúdos relacionados a escrituras negras em periódicos e que ajudasse a inserir o tema nos suportes de leitura digital.

O presente trabalho de conclusão de curso busca desenvolver outro aplicativo de leitura, através do resgate de conteúdos veiculados no antigo suplemento cultural do *Jornal A TARDE*, especificamente os que tratam da chamada afro-baianidade. Para isso, foi feito um recorte da temática da afro-baianidade, selecionando textos que abordassem o tema a partir do ponto de vista dos blocos afro e sua contribuição para a formação e afirmação da identidade afro-brasileira na Bahia. O presente trabalho visa tratar sobre os processos metodológicos de desenvolvimento de aplicativos de leitura, contextualizando com o caso do aplicativo *Afro-baianidade no A TARDE Cultural*, produto do presente Trabalho de Conclusão de Curso, buscando suscitar reflexões sobre a trajetória do negro na imprensa e na produção editorial baiana, através de uma pesquisa documental, feita a partir da consulta de diferentes publicações e da leitura de autores distintos que se posicionaram a respeito desta temática.

Partindo do pressuposto de que há a representação de traços culturais negros que se aplicam apenas ao modo de vida na Bahia, o presente trabalho visa responder às seguintes questões norteadoras: Como conceituar afro-baianidade pelo discurso dos colaboradores do *A TARDE Cultural*, em seus textos específicos sobre os hábitos socioculturais que caracterizam o modo de vida adotado no estado como dotado de referências negras? Quais são os aspectos socioculturais apontados pelos conteúdos analisados (publicações de 1987-2006 referentes ao tema) que denotam a presença de uma africanidade adaptada ao contexto identitário baiano? Como os conteúdos que constituem o corpus deste projeto dialogam com teóricos sobre a baianidade e a afro-brasilidade, na busca de um entendimento sobre o contato entre estes conceitos? E, como trata-se de um trabalho de conclusão de curso que tende a um viés tecnológico

aplicado à educação, pesquisa e desenvolvimento, questionar: Como as ferramentas proporcionadas pelo desenvolvimento da Tecnologia da Informação atrelado às ciências da Linguagem e da Literatura podem ajudar o trabalho do chamado pesquisador negro da Bahia, para a disseminação de conteúdos tão importantes?

Como hipóteses consideradas para a reflexão e resolução dos problemas supracitados no presente Trabalho de Conclusão de Curso, temos as seguintes proposições: A baianidade como um processo de apropriação de referências negras em diferentes setores da sociedade, pela população baiana, ao longo da história; Consideraremos, pelo representado nos conteúdos que constituem o *corpus* desta pesquisa, a existência de aspectos afro-brasileiros em território baiano, que são distintos de manifestações socioculturais afro-brasileiras em outros estados. Acredita-se no alto nível artístico e intelectual dos colaboradores do *A TARDE Cultural* como facilitador dos possíveis diálogos entre a comunidade científica e eles. Por fim, considera-se que deve haver um processo de readaptação do pesquisador de Letras e Estudos Culturais aos novos formatos de aplicabilidade da pesquisa, afinal, um dos propósitos da academia, principalmente no que tange ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, é chegar à sociedade e disseminar os resultados por um viés de, ousado dizer, interferência. Desse modo, a formação interdisciplinar, em âmbito teórico e prático, do pesquisador negro, é uma hipótese para a que este consiga utilizar as novas ferramentas tecnológicas ao seu favor e chegar à sociedade, nos seus mais diferentes públicos.

O objetivo geral deste trabalho é discutir o conceito contemporâneo de afro-baianidade, tendo como *corpus* as publicações do periódico *A TARDE Cultural*, postas em contraste com a opinião acadêmica sobre os temas, do ponto de vista de teóricos da área. Essa discussão será sintetizada em um aplicativo multimodal de leitura, executável em dispositivos eletroportáteis, contendo digitalizações dos originais coletados no acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, localizado no bairro dos Barris, em Salvador-BA, além de resenhas, referências bibliográficas e artigos sobre a temática em forma de hipertexto, sendo o próprio desenvolvimento e programação deste aplicativo um dos objetivos específicos do trabalho, aos quais somam-se a análise da importância da afro-baianidade para o cenário cultural e artístico contemporâneo do Estado da Bahia, reflexões acerca do uso da tecnologia na formação do estudante de Letras, sob uma perspectiva de reinvenção profissional e os estudos sobre as tendências atuais de programação e linguagem algorítmica para se desenvolver aplicativos de leitura

multimodais e que fomentem o acesso democrático a conteúdos negros, poucas vezes abarcados pelas altas tecnologias de produção editorial.

O presente trabalho de conclusão de curso justifica-se pelo fato de que a discussão sobre uma identidade afro-baiana própria e que se difere dos aspectos negros assimilados por outros estados do Brasil ainda está em pauta perante as ciências humanas e sociais, mas ainda permanece cercada de estereótipos e conceitos que denunciam um discurso racista e de rejeição à identidade negra do estado no meio social. Com a criação de um aplicativo de leitura que conceitue a comunidade sobre a realidade afro-baiana por um viés artístico, cultural e acadêmico, e tendo em vista que estes formatos de leitura têm ganhado público das mais diferentes idades e pertencentes às mais diversas classes sociais, a discussão pode ser ampliada, pois será levada “à palma da mão” do leitor ou pesquisador interessado em saber mais sobre o tema, fora que há um grande apelo educacional, visto a inserção de *tablets* em instituições de ensino, para fins pedagógicos, lembrando também das *Diretrizes Curriculares para o Ensino da História e da Cultura Afro-indígena* (Lei 10.639/03).

Serão discutidos também como o processo de reafrikanização de Salvador contribuiu para a formação da chamada afro-baianidade, de modo como aponta Osmundo Pinho, no que tange à formação do vínculo de raça e classe em Salvador, no seu livro “*O Mundo Negro*”: *Hermenêutica Crítica da Reafrikanização em Salvador*, no qual faz considerações a respeito da formação da identidade negra na Bahia através das manifestações culturais, em especial o carnaval, quando diz que

Podemos ver assim que o desenvolvimento do carnaval importado da Europa deu lugar no Brasil a uma abertura para que manifestações de origem africana pudessem desenvolver-se a formas ocidentais, duplicando inicialmente o carnaval para depois duplicarem a representação da sociedade brasileira. (pág. 242)

Essa questão da duplicidade é discutida também no *A TARDE Cultural*, e será discutida aqui tendo como plano de fundo as considerações de autores como Carlo Ginzburg, ao tratar da Circularidade Cultural, como será demonstrado nas sessões seguintes. O interessante é a relevância do tema para se discutir a duplicidade em relação a vários segmentos sociais na contemporaneidade, tendo como princípio errôneo de que há o lugar apenas do negro na sociedade, preferencialmente à margem desta, e há o espaço do branco, tido como inacessível para os afrodescendentes no que tange às suas características estéticas, posição social e, obviamente, pela herança sócio-histórica

deixada pelo período da escravidão e as práticas racistas que são constantes na sociedade contemporânea da cidade com o maior contingente negro do Brasil.

O trabalho está dividido em três capítulos, sendo que o primeiro faz um apanhado histórico sobre o negro na imprensa baiana, buscando entender a visibilidade dos afro-brasileiros na imprensa do estado ao longo das épocas, ilustrando o quadro com a abordagem dada por diferentes autores e pesquisadores da área, tendo como ponto de partida o *Caderno Cultural do Jornal A TARDE*, um periódico que se preocupou em veicular, durante o período em que circulou na capital baiana, conteúdos sobre africanidade e afro-brasilidade em suas edições.

O segundo capítulo buscará, através do contraste de posicionamentos e reflexões de diferentes autores e teóricos, traçar o conceito de afro-baianidade na contemporaneidade, partindo do pressuposto de que, de fato, há um elemento identitário que diferencia os negros baianos da população afrodescendente dos outros estados brasileiros. Para isso, serão apresentadas as análises dos textos selecionados do *corpus*, juntamente com o posicionamento de outros autores. Esta sessão também abordará a importância da produção de conteúdos com temáticas afro-brasileiras para o uso em contextos educativos, pontuando a criação do curso de especialização em Estudos Étnicos e Raciais do IFBA – Campus Salvador.

O terceiro e último capítulo vai tratar da tecnologia empregada para o desenvolvimento do aplicativo *Afro-baianidade no A TARDE Cultural*, ao passo que também buscará refletir sobre o uso de tecnologia na formação do profissional de Letras e nos cursos de graduação das Ciências Humanas, como forma de ampliar o raio de atuação desses estudantes, estimular a criatividade e colaborar com a inclusão digital, tendo como plano de fundo os *Programas de Bolsas de Iniciação Tecnológica e Inovação* que possibilitaram a produção do aplicativo *Escrituras Negras no A TARDE Cultural* e também o presente trabalho de conclusão de curso.

Desse modo, este é um trabalho de conclusão de curso que privilegia a inovação e a tecnologia empregada nas áreas de produção textual, editorial e também literária, em vistas a criar suportes democráticos e tecnológicos de leitura pelos quais conteúdos diversificados e que contemplem as relações étnico-raciais sejam disponibilizados para o grande público e também para pesquisadores e acadêmicos, pondo em pauta questões

como identidade, pertencimento e cultura a partir do ponto de vista da negritude e da emblemática baianidade.

## 2. O CADERNO CULTURAL DO JORNAL A TARDE: UM PERIÓDICO NEGRO?

O extinto Caderno Cultural do Jornal A TARDE, conhecido como “A *TARDE Cultural*”, conseguiu abrir a discussão, através de suas publicações, sobre o fato de que o negro é sinônimo de cultura. Ao folharmos as suas edições, sempre publicadas aos sábados como suplemento do tradicional jornal baiano, constatamos uma sensível preocupação por parte de sua equipe editorial em dar atenção especial e necessária às manifestações culturais afro-brasileiras e afro-baianas no caderno, tal como fomentar o diálogo entre representantes do discurso cultural negro nacional e internacional. Essa iniciativa que durou 19 anos de circulação, uma vez que o periódico foi publicado a partir do ano de 1990 até o ano de 2009, contrapõe um tímido histórico do jornalismo baiano, no que corresponde à atenção aos movimentos afro-brasileiros e afro-baianos, o que fez com que conteúdos e pontos de vistas diferentes da visão eurocêntrica e colonizadora se disseminassem pelo estado durante anos, desde o início das atividades da imprensa baiana. Neste capítulo, será apresentado o perfil sócio-histórico da imprensa baiana, em contraste com o trabalho desenvolvido pelo A TARDE Cultural, ao longo de seus anos de circulação, a fim de se traçar a importância do caderno para a disseminação de conteúdos sobre africanidade na Bahia, especialmente aqueles correspondentes às ações do movimento cultural negro no discurso de afirmação proferido pelos blocos afro.

### 2.1 O Negro na Imprensa Baiana

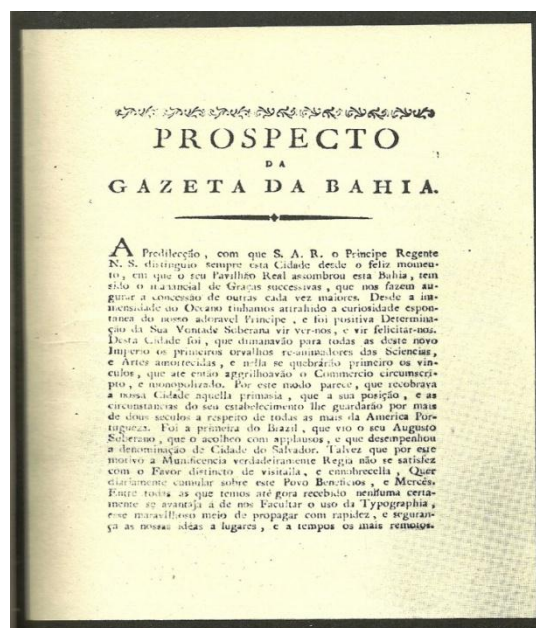
O jornal é um instrumento que a sociedade acredita ser meramente informativo, cujos conteúdos despertem a opinião crítica dos leitores, que se posicionam diante dos fatos informados. Contudo, cada selo editorial jornalístico carrega a ideologia de um tempo e de uma determinada parcela da sociedade, especialmente o grupo social dominante de uma época específica, em um dado espaço, movida por contextos sociais distintos, especialmente no que corresponde ao que se possa ocorrer em outros grupos sociais, inclusive os subalternizados. O jornal, contudo, apesar de representaras

bandeiras de uma classe numa determinada sociedade não se apresenta de forma contínua e imutável, no que diz respeito aos seus posicionamentos e ideologias, mas o contrário, se adaptando aos diferentes contextos sociais que impostos pelo tempo, pela sociedade e suas diferentes perspectivas, numa relação circular, já apontada pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, ao apresentar o seu conceito de circularidade cultural e como a imprensa ajudou a desconstruir a imagem de cultura como uma exclusividade às classes dominantes, até porque o domínio da linguagem não foi capaz por si só de dar às classes subalternas voz e canais pelos quais poderiam se expressar, mas sim “somente a imprensa tornou mais concreta essa possibilidade. [...] A idéia de cultura como privilégio fora gravemente ferida (com certeza não eliminada) pela invenção da imprensa.” (GINZBURG, 1987, p. 121-129)

MELLO E JÚNIOR (2006), ao explorarem Ginzburg (1987), consideram a invenção da imprensa como um instrumento pelo qual a teoria do historiador de que as culturas subalternas e dominantes influenciam uma a outra, em movimentos pluridirecionais, tanto partindo de cima como de baixo, fosse validada, uma vez que a dúvida característica da tradição oral é sanada a partir dos impressos e pôde-se notar, através de publicações jornalísticas, traços que mostravam essa troca de influência, algumas vezes em menor ou maior grau, entre as distintas classes sociais na Europa do século XVI. O princípio da circularidade cultural pôde ser notado também no contexto da imprensa baiana, quando nos deparamos com posicionamentos e tratamentos da temática da população negra pela imprensa baiana, ainda escravizada durante os primeiros anos do surgimento desta, tendo em vista que a maciça maioria de títulos editoriais jornalísticos do estado era administrada pela elite branca e conservadora, resquício do período colonial, fora a inclusão de pontos de vistas da negritude a partir do posicionamento de alguns estudiosos, políticos e até mesmo personalidades negras da sociedade, ao passo que ela foi mudando ao longo dos anos. Contudo, do seu surgimento até a instituição dos discursos pró-negro, a imprensa baiana tem um complexo curso histórico a ser explorado.

Os primeiros movimentos da imprensa do Estado da Bahia iniciam sob o contexto colonial, no dia 13 de maio de 1811, com a publicação do prospecto que anunciou o lançamento do primeiro jornal baiano. Intitulado “Prospecto da Gazeta da Bahia” (figura 01), o folheto anunciava que, a partir do dia seguinte, o jornal “*Idade d’Ouro do Brazil*” iria fazer parte do cotidiano da sociedade do estado, sempre às terças

e às sextas. O prospecto, além de antecipar o lançamento do *Idade D'Ouro*, lembrava à sociedade sobre o aniversário do príncipe regente D. João VI, naquela data. Em quatro páginas, impressas na tipografia do negociante português Manoel Antônio da Silva Serva, que foi a primeira de iniciativa privada feita no país e que seria responsável pela impressão do *Idade D'Ouro* durante os seus 12 anos de circulação, o folheto explicava à sociedade as motivações de sua publicação, a justificativa do título do jornal e também as diretrizes os princípios éticos a serem seguidos no exercício de manter o povo baiano informado.



(FIGURA 01 – Digitalização do Prospecto Gazeta da Bahia)

Sobre o título do futuro jornal, o texto do prospecto levanta a grandiosidade dos trabalhos realizados pela colonização portuguesa, remetendo a “idade d’ouro” à presença da administração dos portugueses no Brasil, uma marca do discurso eurocêntrico e colonizador que perpetuou durante muitos anos no discurso jornalístico baiano. Os objetivos do *Idade D'Ouro* eram publicar as notícias policiais, novidades do estado, tratar dos bons costumes e, principalmente, ser porta-voz da Coroa Portuguesa, então instalada no Rio de Janeiro. A premissa era, através dos conteúdos da publicação, cativar súditos e admiradores da Corte. (DA SILVA, 1978)

Em um momento de efervescência no debate internacional sobre a iminência do fim do tráfico negreiro, o jornal *Idade D'Ouro* fazia questão de detalhar, em suas edições, como o tráfico de escravos movimentava positivamente as atividades no porto da cidade de Salvador. Além de apontar os navios recém-chegados à costa



soteropolitana, levantava números de escravos que desembarcaram para a venda, e até mesmo a quantidade de negros mortos durante a travessia do Atlântico. JESUS (2004, p. 26) aponta que tais ações do periódico davam fôlego às atividades de compra e venda de negros no território baiano, uma vez que deixava fazendeiros e demais compradores cientes inclusive dos detalhes da leva de negros chegados à Bahia, tal como seus fornecedores e demais informações acerca do tráfico. Também foi papel do referido periódico a divulgação dos casos de tomadas de 12 navios negreiros pelos ingleses, com destino à Bahia, tendo como fundamento o cumprimento dos acordos na área da navegação marinha, vigentes desde o Tratado de 1810<sup>1</sup> o que começou a gerar revolta entre os escravistas. (JESUS, 2004, p. 29-30)

Ao longo do século XIX, a imprensa baiana ficou marcada pelo surgimento de cerca de 400 títulos editoriais, cujo tempo de circulação foi consideravelmente curto, haja vista, inclusive, que alguns deles tiveram apenas uma única edição, por se tratar de publicações e datas comemorativas. Apesar do pouco tempo de publicação, os números são expressivos e demonstram a tendência que o jornalismo baiano tinha à efervescência e competitividade. Os perfis desses jornais eram os mais variados, uma vez que alguns se inclinavam para o discurso abolicionista, como o caso da *Gazeta da Tarde*, e outros com pautas e posicionamentos mais conservadores e em maior número, por sua vez. (CARVALHO, 1911)

Na segunda metade do século XIX, aquecia-se o debate a respeito do fim da escravidão no Brasil, sendo a imprensa do estado um importante instrumento para os abolicionistas, uma vez que estes a utilizavam para veicular os ideais da causa e também notícias relacionadas à abolição em outros estados. TEIXEIRA (2011) detalha o papel da imprensa baiana no movimento abolicionista da Bahia, quando diz que o setor

[...] teve um papel importante nessa luta, pois os jornais foram os principais meios de propaganda e denúncia utilizados pelos abolicionistas. Isso se dava através da utilização dos seguintes recursos: cobertura jornalística a eventos abolicionistas; notícias dos resultados e das solenidades do fundo de emancipação a atitudes favoráveis à causa abolicionista; divulgação de acontecimentos abolicionistas ocorridos em outras regiões do país; veiculação de denúncias contra os escravocratas e seus aliados; oferecimento de serviços de advocacia para escravos que quisessem questionar judicialmente sua liberdade; denúncia do envolvimento de membros do Partido Liberal na repressão aos

---

<sup>1</sup> Denominado “Tratado de Cooperação e Amizade” (*Treaty of Cooperation and Friendship*), trata-se de um documento assinado por autoridades inglesas e portuguesas, que visava dinamizar o comércio entre os dois países, abrir os portos brasileiros e regulamentar o tráfego marinho.

aboliconistas e campanhas para edição de candidatos ligados ao movimento aboliconista. (2011 p. 03)

O século XX trouxe para o cenário da produção jornalística baiana títulos mais duradouros, que fizeram da publicidade e da defesa do interesse de classes dominantes o carro chefe para se manterem ativos. É notável que estes jornais também assumiam o papel político de tentar servir à população e tentar passar a imagem de imparcialidade. O *Jornal A TARDE*, do qual extraímos o suplemento cultural que servirá de base para a nossa análise sobre afro-baianidade na imprensa baiana, é um dos títulos dessa leva do século XX. Fundado em 1912 por Ernesto Simões Filho, o título era administrado também como uma empresa em potencial, uma vez que, para atender a demandas particulares e comerciais, impôs um preço às organizações e pessoas que procurassem por seus serviços de divulgação e mídia, o que causou uma série de atritos com os seus concorrentes.<sup>2</sup> Apesar do forte perfil publicitário, o *Jornal A TARDE*, já nos primeiros anos de circulação, mostrou-se preocupado com aspectos culturais do estado, lançando inclusive uma campanha para a construção de um monumento em homenagem a Castro Alves. Questões de educação, moradia e valorização de diferentes profissionais estavam sempre em pauta. (DOS REIS, 2000)

A imagem construída do negro neste período da imprensa baiana foi moldada basicamente pelo que a elite branca do estado tinha como referência, uma vez que esta estava à frente da maioria dos jornais. A sociedade, na época, assimilava os conceitos científicos que estavam sendo discutidos na Europa, muitos dos quais tentavam apontar razões biológicas para afirmar que os indivíduos negros e mestiços pertenciam a uma raça inferior à dos arianos. Essas teorias, claro, foram posteriormente negadas perante a Ciência, mas, ao longo dos anos em que foram consideradas, abriram discussões entre diferentes teóricos, cada um tentando apresentar uma razão pela qual acreditavam que o negro era inferior aos brancos, contando inclusive com a visibilidade dada pela imprensa. Essas discussões e posicionamentos foram cruciais para que a sociedade desenvolvesse uma certa aversão à figura do afrodescendente, tanto do ponto de vista social quanto cultural, uma vez que muitos grupos sociais ainda alimentam a resquícios de nivelamento biológico nas relações étnico-raciais.

Além do fator científico, a religiosidade também foi um vetor de propagação de discursos que admitiam a inferioridade do negro perante o branco, uma vez que as

---

<sup>2</sup> Aragão dos Santos. Formação da Grande Imprensa da Bahia. P. 42

religiões institucionalizadas enxergavam o indivíduo negro como um ser sem alma, portanto, abaixo dos brancos. As instituições religiosas sugeriam que os povos da África e da Índia, por exemplo, tinham de ser colonizados nos moldes ocidentais, especialmente embasados em preceitos cristãos. O próprio ato de explorar outras terras utilizando o pretexto da colonização era visto como um fator de superioridade do branco com as outras raças, haja vista que o branco era considerado uma raça civilizadora.

Os jornais baianos reproduziam alguns pensamentos selecionados pela elite, que prezava pela terminologia científica para enriquecer o texto, que muitas vezes nem científico era, puramente por uma questão de status, ao abrigar notícias como o desenvolvimento de um soro capaz de embranquecer a pele do negro, pesquisas européias sobre a diferença entre o formato de cabeça entre os seres humanos como um fator de diferenciação cognitiva e até mesmo a relação entre raça e tendências criminais, teses defendidas por Nina Rodrigues, em alguns estudos. Meire Lúcia dos Reis (2000) aponta algumas publicações do *Diário da Bahia*<sup>3</sup>, em que o jornal dá visibilidade a muitas das teorias raciais que buscavam apresentar e justificar a crença na inferioridade do negro e concepções controversas acerca da mestiçagem, como uma visão de progresso em relação ao negro, uma vez que é produto de um indivíduo negro, considerado inferior, com outro, branco, dito superior.

A mestiçagem também recebeu uma roupagem sexista e misógina por parte de algumas publicações baianas, uma vez que o *Diário de Notícias*, conforme cita Dos Reis (2000), chegou a publicar uma matéria que relatava a preferência de moças brancas, na Alemanha, por homens negros, devido os seus atributos físicos. O tom da matéria era de espanto, quase que como uma advertência às frequentes diversificações nas relações afetivas, a exemplo das que aconteciam em Berlim, na sociedade brasileira: a mestiçagem, no sentido de enegrecimento da elite branca.

Nota-se que há uma preocupação nata dos jornais, especialmente dos discursos que haviam por trás da administração dos selos jornalísticos do estado, de apresentar negativamente a mestiçagem como os resultados de relações interracialias. Para a sociedade, era mais válido deixar que o negro continuasse como a única minoria a ser discriminada e marginalizada para que fosse utilizada como instrumento apenas de

---

<sup>3</sup> A autora sugere a leitura das edições de 31/07/1904, 14/07//1908, 15/01/1901, 03/11/1901 e 25/05/1908, do referido jornal.

exploração pela elite branca, do que não tratar da temática da mestiçagem neste viés e ver a quantidade de mestiços crescer, formando indivíduos que porventura poderiam reivindicar melhores condições de vida, direitos e lutar contra a situação análoga à escravidão, às quais estava sujeita a população negra da Bahia. A postura de legitimar as teorias racistas da Europa e alertar a população sobre as consequências negativas da mestiçagem como um modo de involução social era, portanto, uma estratégia política que utilizava os jornais da época como instrumento para propagação de um discurso pertencente à elite branca da sociedade baiana da época.

Apesar dos intensos ataques à população negra, através da legitimação de discursos e teorias racistas importadas da Europa entre os anos 20 e o começo da década de 30, alguns jornais baianos se posicionaram, eventualmente, a favor da negritude e contra atitudes discriminatórias. Ressalta-se, contudo, que essas publicações sempre tinham por trás um discurso oportunista, especialmente quando algum título oposicionista queria atacar alguma atitude discriminatória e racista do governo. A partir da década de 30, podemos enxergar uma tímida, mas gradual mudança na abordagem que a imprensa baiana dava aos temas negros, geralmente como uma reação a acontecimentos nos quais se podiam perceber atos de discriminação racial na esfera política, ou algum comentário racista proferido por alguma autoridade ou publicação estrangeira.

Nesta paisagem, o *Jornal A TARDE* publicava matérias contrárias à idéia de discriminação do negro no Brasil e no mundo, principalmente a respeito das restrições sofridas pela população negra por conta do conceito de inferioridade implantado na comunidade científica e disseminado na sociedade através de publicações tendenciosas. Vale ressaltar, contudo, que o selo não fazia isso discordando das teorias acerca dos negros terem alguma espécie de involução mental, mas porque acreditava que tal fato não era motivo para que aquele grupo social sofresse discriminação, valendo acrescentar que este tipo de posicionamento não era exclusivo do *Jornal A TARDE*, uma vez que, conforme Dos Reis (2010),

O *Diário da Bahia* se comportou de modo semelhante. A oposição a possíveis atos de discriminação ia dos argumentos evolucionistas aos culturais. Em 1909 encontramos uma nota, segundo a qual o diretor do Museu São Paulo, Sr. Von Ihring, lançara a idéia de exterminar os índios por achar que atrapalhavam o desenvolvimento da cidade. Sabendo disso, a Congregação do Gymnasio da Bahia reuniu-se, ‘merecendo sua adesão unânime o ilustre cientista e notável professor Dr. Luiz Anselmo da

Fonseca', para apresentar uma "moção-protesto" conta tal atitude, dirigida ao diretor do Museu Nacional Dr. João Baptista de Lacerda. Acrescente-se que à frente dos professores do Ginásio estava ninguém menos que o abolicionista Luiz Anselmo, autor de obra fundamental sobre o abolicionismo na Bahia, publicada em 1887. Os professores concluíram que 'não há nenhuma raça humana ineducável e incapaz de progresso, desde que encontre meios propícios ao seu desenvolvimento... Não existem raças superiores e inferiores, o que há são povos vivendo sob a influência cultural.' Além disso, acreditavam que 'as tribos da África e da Oceania são famílias retardadas, eis ahituho. Muito retardadas seguramente e que não poderiam d'um salto transpor a distância apavorante que a separa de nós. Mas não são radicalmente incapazes. Devemos ajudá-las a fornecer-lhes os progressos em pequenas doses' (p.68)

Aos poucos, mas de forma igualmente tímida, o discurso da imprensa baiana começou a incorporar a relevância do negro para a formação da identidade cultural brasileira, tema amplamente discutido no congresso brasileiro e que ganhou repercussão na imprensa baiana (Dos Reis, 2000). A defesa da importância do negro para a construção da identidade cultural do brasileiro vinha acompanhada da visão abolicionista do final do século XIX e as concepções de reparação pelo tráfico negroiro.

Destaquemos, neste período, a circulação de notícias sobre a fundação da *Frente Negra da Bahia*, pelo *Diário da Bahia*, em novembro de 1932. A instituição *Frente Negra Brasileira* foi uma iniciativa paulista, iniciada em 16 de setembro de 1931. O movimento social que posteriormente se transformaria num partido político, era pautado nas lutas por melhores posições para o negro no Brasil. A entidade, inclusive, conseguiu fazer circular o seu 1º jornal, intitulado *A Voz da Raça*, em 1933. Na Bahia, a *Frente Negra* foi idealizada por Marcos Rodrigues dos Santos. A filial baiana da entidade, na época de sua implantação e com as primeiras reuniões para a discussão do estatuto com os membros, ganhou destaque na imprensa baiana, através do jornal supracitado, inclusive com a publicação de uma minibiografia de seu idealizador.<sup>4</sup> Ideologicamente, o estatuto da *Frente Negra da Bahia* embasava-se em três ações: alfabetização, levantamento da moral negra, através do trabalho e valorização da mulher e engajamento político para os negros do estado da Bahia, tendo em vista que só na política que se consegue, oficialmente, mudar as relações étnico-raciais vigentes na legislação.<sup>5</sup>

O contexto do Brasil no início da segunda metade do século XX, especificamente nos primeiros anos da década de 60, com o surgimento dos governos

<sup>4</sup> Diário da Bahia, 16/11/1932

<sup>5</sup> Diário da Bahia, 21/06/1933

populares de Jânio Quadros João Goulart, foi de aproximação estratégica com os países emergentes do 3º mundo, em especial as nações do continente africano, que sofreram um afastamento por conta dos governos centristas que tomaram o Brasil logo após a abolição da escravatura. A articulação de centro-esquerda na política brasileira da época permitiu aproximação e intercâmbio intercultural entre Brasil e África, interrompida em 1964, com o advento da ditadura militar. Contudo, no período em que esta aproximação foi realizada, importantes conceitos surgiram, que seriam significantes para abordagens culturais por parte da imprensa baiana, inclusive o objeto de estudo deste trabalho, o periódico *A TARDE Cultural*, no início da década de 90. Termos como “africanidade” começaram a circular no âmbito político, entre os governos de Jânio Quadros e João Goulart, ao ressaltarem as similaridades históricas e culturais entre o Brasil e o continente africano, principalmente o contexto colonial experimentado pelos dois territórios do Atlântico Sul. A intenção por trás desses discursos era se aproximar das nações africanas pelas semelhanças culturais, em pleno processo de emancipação e independência desses países, de modo a estreitar laços diplomáticos comerciais, a exemplo da instalação da embaixada da Nigéria no Brasil, em 1961, apenas um ano após a independência institucionalização do país africano. (ALBERTO, 2011, p. 100)

Este período foi importante para a afirmação da imagem da Bahia como um território visível e sensivelmente dotado de africanidade, uma vez que o Brasil passara a vender a imagem de nação da “democracia racial”, rejeitada pelo movimento negro brasileiro, até porque, nem de longe, os direitos dos negros estariam sendo respeitados no país. A imagem da Bahia como território africano, cuja população mantinha os traços puros da raça negra e manifestava elementos da cultura africana nas ruas, na religiosidade e no jeito de viver foi veiculada na imprensa brasileira e baiana durante esse período, para que o intercâmbio cultural e diplomático se desse, em meio a um cenário em que a política externa, segundo Paulina L. Alberto (2011), “*se desvinculava do apoio tradicional de Portugal e se afirmava a nova posição anti-colonialista e antirracista de solidariedade do Brasil com países do Terceiro Mundo.*” (p. 105)

A década de 60 também foi decisiva para a construção e exportação de um conceito a ser detalhado nos capítulos posteriores deste trabalho, a afro-baianidade, haja vista a mobilização por parte de intelectuais baianos e personalidades do governo em vender a imagem da Bahia como um espelho da costa atlântica africana nas Américas. A partir do ano de 1964, com o Golpe Militar, e nas duas décadas que se sucederam de

ditadura, a postura governista foi de se afastar dos países africanos e buscar aproximação com os Estados Unidos e a Europa. Além da mudança na postura diplomática do país, os militares ajudaram a desarticular muito dos movimentos negros e suas publicações, como aquelas administradas pelas filiais da *Frente Negra* espalhadas pelo Brasil. Contudo, as noções de baianidade, afro-baianidade e afro-brasilidade, plantadas nos dois governos antecessores ao golpe, se mantiveram e foram fundamentais para a produção cultural e jornalística do período conhecido como redemocratização do Brasil, a partir de 1985.

Com o enfraquecimento da ditadura militar no Brasil, as publicações negras<sup>6</sup> se preocuparam em desconstruir os conceitos equivocados da época de Jânio Quadros e João Goulart, principalmente o mito da “democracia racial” vivida pelo Brasil, imagem construída pelos governos citados, na premissa de se aproximar das nações africanas e estreitar laços com os países emergentes, pois,

a partir da década de 80, os jornais negros surgiram por toda a parte e refletiam, de certo modo, as linhas ideológicas do Movimento Negro Unificado – MNU, que tinham como finalidade desconstruir o mito da igualdade racial brasileira e estabelecer estratégias antirraciais. (SALOMÃO, Renê. 2013, p. 33)

No jornal oitentista, ao contrário da exaltação às similaridades entre Brasil e África, havia a denúncia a respeito do preconceito racial e reflexões críticas sobre o período colonial, a escravatura e suas implicaturas no lugar ocupado pelo negro na sociedade brasileira da época. O culto à afro-brasilidade e à harmonia racial cedeu espaço ao surgimento do conceito de reparação social aos indivíduos de cor, haja vista a dívida histórica que o país tinha com eles, após séculos de exploração e preconceito, que culminaram na marginalização de boa parte da população negra, empurrando-a para os subempregos e para os morros nas grandes cidades, minando diversas oportunidades que, por direito, ela deveria compartilhar com a sociedade branca. O mito do paraíso racial no Brasil começava a ruir e os periódicos dessa época não poupavam crítica ao sistema que condicionou os negros a uma posição discriminada na sociedade brasileira. Em Salvador, destaca-se a publicação *Nêgo*, cujo primeiro número foi publicado em julho de 1981. Boletim informativo da seção baiana do *Movimento Negro Unificado*<sup>7</sup>, o

<sup>6</sup> Consideremos como “publicações negras” jornais, revistas, cadernos e periódicos produzidos e publicados por jornalistas, redatores e artistas negros e seus movimentos, como o MNU – Movimento Negro Unificado.

<sup>7</sup> Ver SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Editora Autêntica, 2006.

*Nêgo* tinha a premissa de levantar a discussão acerca das lutas diárias enfrentadas pela população negra de Salvador e de cidades do interior do estado da Bahia, além de estreitar os diálogos entre a seção estadual e a central do MNU. Diferente de outras publicações da chamada imprensa negra, o jornal *Nêgo* teve um tempo de circulação consideravelmente longo, em comparação aos seus similares, encerrando suas atividades em meado dos anos 90. (SALOMÃO, Renê. 2011)

A década de 80 para o jornalismo baiano foi a época em que a imprensa negra buscou demarcar o seu espaço nos selos editoriais do estado, ainda que não contassem com o mesmo tipo de apoio financeiro, clientela e contratos publicitários dos veículos tradicionais, e se vissem no meio de uma batalha dupla, de enfrentamento ao racismo através de suas publicações-denúncias, e a de se manterem circulando para combater o racismo e lutar por melhores condições de vida da comunidade negra. Não só na Bahia como no Brasil, as publicações do MNU intensificaram a divulgação de casos de racismo, com entrevistas, relatos e denúncias, cobrando principalmente um posicionamento dos órgãos oficiais e a mudança de postura da sociedade para com o negro, classificando os casos como inaceitáveis, haja vista o conceito sócio-histórico do país. (SALOMÃO, Renê, 2011)

Até o início dos anos noventa, o tom de denúncia predominou nas publicações da maioria dos jornais e periódicos baianos. Em meio a este cenário, o *Jornal A TARDE* lança o seu periódico *A TARDE Cultural*, em 06 de janeiro de 1990. Pensado como um suplemento cultural para circular aos sábados, o caderno contava com um refinado grupo de colaboradores, dentre os quais poderiam se encontrar artistas, fotógrafos, ilustradores, escritores, acadêmicos e formadores de opinião. Notou-se, contudo, que no âmbito da cultura disseminada pelo referido suplemento, o negro estava em pauta. No periódico *A TARDE Cultural*, encontra-se uma quantidade considerável de textos de diversos gêneros e autores que tratavam das manifestações culturais afro-brasileiras e afro-baianas, tal como promoviam o intercâmbio cultural entre manifestações culturais negras de outros países, diálogos e homenagem a personalidades negras da cultura e da arte, como aprofundaremos a seguir.



## 2.1 O “A TARDE Cultural” na Paisagem da Imprensa Baiana

O periódico *A TARDE Cultural* apresentava a perspectiva de cultura do estado por meio dos seus principais expoentes da área artística, cultural e também da intelectualidade. Ao longo de 19 anos, o periódico foi importante para que reflexões culturais de diferentes aspectos chegassem ao público formado principalmente por leitores cativos e assinantes do *Jornal A TARDE*, sempre aos sábados. As capas de cada edição davam destaque a algum acontecimento artístico do mundo, tal como a personalidades, em homenagem ao aniversário de nascimento ou morte, como foram muitas delas. Como pontuado na introdução deste trabalho, meu primeiro contato com o periódico foi no ano de 2009, no *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia*, enquanto bolsista de um programa institucional Iniciação Científica Jr. O projeto do qual a execução me foi designada era intitulado “*Escrituras Negras no Caderno Cultural do Jornal A TARDE*”, elaborado e orientado pela profa. Dra. Maria da Conceição Pinheiro Araújo, cuja formação é marcada por intensos estudos e publicações acerca de periódicos.

Inicialmente, o projeto do *Caderno Cultural do Jornal A TARDE*, cuja idéia original é assinada por Jorge Calmon, em de 1990, era de se criar um suplemento literário para o jornal baiano de maior circulação do estado. “*Homem de vasta cultura, herdeiro de uma das famílias mais tradicionais da Bahia, considerava necessário pôr em circulação temas e textos que, ao seu ver, não cabiam no espaço do noticiário comum*”, diz Kátia Regina Macêdo Borges (2012, p. 16) sobre o idealizador do suplemento. A ideia era levar para as páginas do suplemento a cultura sob o ponto de vista acadêmico, com materiais assinados por teóricos, pesquisadores, professores, artistas e intelectuais que, de alguma forma, estavam ligados à produção acadêmica ou ao menos contavam com o seu aval. É interessante lembrar que a própria Universidade Federal da Bahia teve um importante papel na constituição editorial do suplemento em questão, uma vez que muitos dos seus colaboradores, bem como os temas abordados, saíram das salas de pesquisa da referida instituição, principalmente no que tangia a Literatura e a Crítica Literária da época.

Pode-se dizer que a linha temporal e editorial do caderno cultural do *Jornal A TARDE* é dividida em duas fases, sendo a primeira sob a supervisão de Jorge Calmon,

de quem, como já foi mencionado, partiu a ideia original do caderno. Calmon ofereceu a edição do suplemento ao jornalista Tasso Franco, que tinha como incumbência publicar textos genuinamente científicos para compor as edições do suplemento. Jorge Calmon sugeria que estes materiais partissem dos estudos universitários sobre a literatura e sua crítica, uma vez que esta primeira fase do caderno, iniciada em 1990 e composta das 21 primeiras edições, fora marcada pelo tom literário e acadêmico. A consultoria ficava por conta do escritor e educador Adinoel Motta Maia, exercendo pela primeira vez esta função dentro do *Grupo A TARDE*, ficando responsável pela pesquisa e seleção de textos acadêmicos sobre a cena literária contemporânea, dando ênfase à crítica que a comunidade acadêmica, especialmente a local, desenvolvia. Este modelo, contudo, embora tenha sido importante para a veiculação de trabalhos relevantes na área da crítica literária para um raio de público maior do que o usual, não foi bem recebido pelo público a ponto de perpetuar, passando, a partir da 22ª edição, a mudar, o que denominamos como a 2ª fase do caderno cultural do *Jornal A TARDE*, desta vez com a edição sob a responsabilidade do experiente Florisvaldo Mattos, que já tinha no currículo as revistas culturais *Ângulos e Mapas* e o caderno *SDN*, do *Diário de Notícias*. (BORGES, 2012, p. 18)

A visão de Florisvaldo Mattos sobre as mudanças que deveriam ocorrer no suplemento em questão partem da recepção crítica por parte do público e o morno sucesso que o formato anterior alcançou, embora tenha sido deveras importante para a disseminação de variados conteúdos cujo acesso só era possível em eventos específicos e suas publicações, além de buscas nos repositórios institucionais. A renovação do *Caderno Cultural do Jornal A TARDE* abre espaço para produções referentes à criação artística e valorização crítica nas suas páginas de cultura. Nomes de personalidades formadoras de opinião passam a fazer parte do quadro de colaboradores, dentre os quais podemos citar Jorge Amado, Sosígenes Costa, Edson Carneiro, Vasconcelos Maia, Godofredo Filhos, entre outros. O espaço para acadêmicos foi mantido e muito material que partia das universidades foi produzido exclusivamente para o suplemento, mesmo tendo ou não relação com algum projeto de pesquisa. A opinião crítica e a visão de cultura de determinados colaboradores passaram a vigorar a partir de então. Era uma fase voltada para o Modernismo Baiano, que proporcionou expor a tensão entre a prosa da tradição baiana e a liberdade poética da criação moderna. A segunda fase do suplemento cultural do *Jornal A TARDE*, marcada pela edição de Florisvaldo Mattos,

durou 13 anos. Em 2003, ele passa o cargo para a jornalista Simone Ribeiro, que exerce o cargo até 29 de agosto de 2009, quando o suplemento foi extinto.

Da segunda fase do periódico até o encerramento de suas atividades, houve a valorização dos autores baianos e o levantamento de temáticas que mais se adequassem à realidade cultural local. Apesar de esta ter sido a vontade de Florisvaldo Mattos, as edições comandadas por Simone Ribeiro também prezaram por esta abordagem. A perspectiva local de cultura se dava também por intermédio dos diálogos entre os discursos locais e estrangeiros, uma vez que era comum haver edições completas voltadas para homenagens a artistas e intelectuais internacionais, através de materiais escritos pelas personalidades locais. É a partir da tentativa bem sucedida de estabelecer diálogo entre a cultura baiana e a global através dos atores locais, que se observa o interesse temático no qual o suplemento cultural do *Jornal A TARDE* se sobressai: as manifestações culturais afro-brasileiras no contexto baiano.

Do ponto de vista da imprensa negra da Bahia, o *A TARDE Cultural* foi um importante veículo para a visibilidade de conteúdos que representassem, sob uma perspectiva de cultura, o negro baiano. O fato de ser importante colocar o negro nas páginas de um jornal e não num livro, como sempre ocorreu, à maneira da elite dominante e produtora de conteúdos literários, na prosa romanesca, é que a escrita para periódicos permite o alcance de um público mais culturalmente diversificado. Mais que isso, permite que outros pontos de vista sobre o negro sejam disseminados, incluindo os do próprio negro, usualmente não abarcado pelos formatos tradicionais de produção de conteúdo, de modo a provocar a abertura democrática para o debate cultural. Maria da Conceição Pinheiro Araújo (2009) reverbera esta questão, quando diz que:

os estudos da Teoria da Literatura e da História da Literatura privilegiaram a forma livresca. Entretanto, o montante literário publicado em livro parece ínfimo em comparação com o que está publicado fora dos livros, das coletâneas e das antologias. Os periódicos, revistas e jornais, espalhados pelo país mostram que esse tipo de publicação se torna, muitas vezes, a única maneira de tornar um escritor e sua obra conhecidos, principalmente, no caso da Bahia, um estado com grave deficiência de editoras. (P. 03)

A pesquisadora, responsável pelo projeto inicial que deu origem aos aplicativos *Escrituras Negras no A TARDE Cultural* e *Afrobaianidade no A TARDE Cultural*, fruto deste trabalho de conclusão de curso, ainda argumenta, especificamente no que tange a abordagem de conteúdos negros no suplemento cultural, que

O resgate, a visibilidade e estudo da produção literária chamada de “Literatura negra” produzida no Brasil, possibilitam o conhecimento do registro da vida cultural por um outro prisma que não seja os estabelecidos pelo olhar exclusivamente “branco”. O cânone invariavelmente funciona como instrumento de recalque dos textos escritos por segmentos ditos minoritários e marginalizados. Ele está a serviço de uma elite considerada culturalmente superior que, apropriada de um discurso monolítico, está ligada ao poder e, conseqüentemente, aos mecanismos a ele subjacentes. Não é redundante dizer ainda que o cânone institucionaliza-se sob a égide do saber ocidental reconhecidamente branco, patriarcal e falocêntrico. Não queremos, com esta afirmação, por em xeque os textos canônicos, mas sim questionar os critérios de exclusão/inclusão do processo de canonização. (ARAÚJO, M C P, 2009, p. 04)

Haja vista o tímido histórico de publicações de conteúdos negros ao longo da história da imprensa baiana, o caderno cultural do *Jornal A TARDE* simboliza um importante passo para a abertura democrática de espaços que as questões negras. Do ponto de vista afirmativo, por se tratar de um caderno de cultura, num estado cuja maioria da população é negra e se declara afrodescendente, pautas como estilo, musicalidade, moda, gastronomia, arte, personalidades, entre outras, possibilitou que o negro saísse do lugar comum de indivíduo inerte e marginalizado, que ocupava tão somente as páginas policiais, para ser sujeito de produção e representação cultural, como pormenorizaremos nos capítulos seguintes, principalmente no que tange à musicalidade como fator construtivo do conceito de baianidade e afro-baianidade, a partir da repercussão que o caderno dava aos blocos afros, em termos de história, estética e representatividade cultural do estado.

### 3. AFROBAIANIDADE NO “A TARDE CULTURAL”

A disseminação de conceitos nacionais-populares<sup>8</sup> através da mídia, da literatura, da música e das demais artes contribuiu para o que conhecemos como “baianidade”. O termo está diretamente relacionado com o que Osmundo Pinho entende por “Ideia de Bahia”, a princípio apontado como uma espécie de sentimento coletivo compartilhado pelos baianos, no que diz respeito à singularidade do modo de viver a vida e observar o mundo. O baiano acha que é diferente, vende essa imagem que, inclusive, foi disseminada através de incontáveis títulos da Literatura Baiana, a destacar aqueles que se tornaram clássicos da Literatura Brasileira. O próprio fato de a baianidade ser um elemento cultural difundido geralmente através da narrativa, seja esta a popular ou a literária, nos faz pensar em artistas que se empenharam para, através de suas obras, esmiuçar as nuances da baianidade por meio de representações. Citemos como destaques o escritor Jorge Amado, o pintor Carybé e o fotógrafo Pierre Verger, ressaltando, inclusive, que os três foram colaboradores frequentes do *A TARDE Cultural*. O conceito de baianidade disseminado pela literatura e outras artes também foi assimilado pelo mercado turístico a vender a imagem da Bahia como um território diferenciado em relação aos demais estados brasileiros. O fator de diferenciação, indicado em diversas campanhas publicitárias tanto das empresas de fomento ao turismo do estado quanto de companhias privadas centravam-se justamente na questão comportamental do baiano, em especial a sua receptividade, alegria e espírito festeiro.

Arelada à representação de baianidade tanto para fins artísticos e culturais como em empreitadas publicitárias para se vender uma imagem diferenciada e positiva do estado, está a exploração do tema racial, que se tornou ainda mais forte e presente nas obras e peças publicitárias com o advento dos blocos afro e a notoriedade e fama internacional que entidades como Olodum e Ilê Aiyê ganharam. O título de “capital negra” que a cidade do Salvador ganhou, em 2011<sup>9</sup>, por abrigar o maior contingente populacional negro fora do continente africano, já era há muito explorado de forma incansável pela mídia como fator de diferenciação da cidade para fins comerciais.

---

<sup>8</sup> Aqui, a ideia de Nacional-popular diz respeito ao resgate de histórico da cultura das classes populares, numa tentativa de unificar aspectos nacionais e populares, como aponta GRAMSCI (1978)

<sup>9</sup> Oficialmente, a capital da Bahia recebeu o título de “capital negra da América Latina” no ano de 2011, durante o 21º Encontro Ibero-Americano de Afrodescendentes, partindo do pressuposto que 80% da sua população, segundo o IBGE, era composta por descendentes de africanos.

Afinal, a baianidade é um resultado da maciça presença de africanos e afrodescentes no estado, o que resultou na assimilação de comportamentos sociais, traços culturais e estéticos da maioria populacional negra, ao longo dos anos, pelo conjunto que forma toda a sociedade baiana que, inclusive, tem demonstrado aceitar a baianidade como representação sociocultural? Não seria então o conceito de baianidade o resultado, antes de tudo, da observação de aspectos relacionados à própria negritude do estado? Consideramos essa questão de forma mais latente ao estudar as repercussões midiáticas do advento dos blocos afro, em especial no *A TARDE Cultural*. Este capítulo abordará as questões relativas à difusão do conceito de baianidade a partir da influência que os blocos afro tiveram desde o advento das entidades, exporá os conteúdos selecionados referentes à afrobaianidade no *A TARDE Cultural*, de modo a ilustrar a fundamentação teórica com matérias e artigos veiculados no periódico, cuja análise resultará no desenvolvimento de um aplicativo de leitura sobre a temática, para dispositivos eletroportáteis. O capítulo também mostrará como iniciativas como esta, de resgatar conteúdos importantes e disponibilizá-los de forma digital diversa para um raio de público considerável tem servido de instrumento para a aplicação da Lei 10.639-03, que dispõe sobre o ensino de cultura e história afrobrasileira nas instituições de ensino, especificamente no caso do Instituto Federal da Bahia, que oferece gratuitamente o curso de pós-graduação *lato sensu* em Estudos Étnicos e Raciais, em cujo projeto de abertura do curso de especialização estão citados trabalhos como o aplicativo *Escrituras Negras no A TARDE Cultural*.

### 3.1 Ser Baiano e/ou Afrobaiano? As Questões de Identidade e Afirmação na História da Sociedade Baiana, a partir do ponto de vista dos Blocos Afro

Quando paramos para analisar as manifestações artísticas e culturais baianas, na perspectiva da temática que carregam, é fácil perceber que uma coisa que o baiano gosta de fazer é falar sobre si mesmo, principalmente nos formatos musicais e literários. Essa representação é ainda mais perceptível quando se trata da exploração das festas populares do estado nas campanhas publicitárias do turismo, nas quais é possível ver o baiano sendo retratado como uma pessoa alegre, receptiva e mística, especialmente quando retratados elementos referente à religiosidade de matriz africana, que por sua vez também influencia na representação da culinária do estado em diferentes obras de autores de ampla circulação, a exemplo de Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro. (PINHO, Osmundo, 1996)

A exaltação de uma personalidade singular, exclusivamente ligada ao baiano, é uma característica presente nas representações que a Bahia teve em diferentes obras literárias e musicais que evocam,

frequentemente em consonância com o tema da festa, mas não exclusivamente, o bom-humor, disposição para celebrar, entusiasmo, vibração, uma forma positiva de pensar e encarar os problemas da vida são, direta ou indiretamente, creditados à Bahia, aos baianos ou, no mínimo, definidos como um valor para eles. Além da alegria, outras características atribuídas aos baianos e à Bahia são o charme, a disposição pacífica, a hospitalidade, o despojamento, a altivez, a pobreza e seus derivados – como a ignorância e a sujeira – e o autoritarismo e seus correlatos: o clientelismo e a submissão. (MARIANO, Agnes, 2009)

A idéia de singularidade comportamental do baiano fora, por Jorge Amado, não só representada em suas obras, mas também defendida, na perspectiva da cultura popular, o que faz com que reiteremos a importância das festas populares para a consolidação desse conceito e sua veiculação nos produtos midiáticos. O autor sugere:

Existe uma cultura baiana com características próprias, originais? Creio que sim. Aqui, toda cultura nasce do povo poderoso na Bahia. É o povo, dele se alimentam artistas e escritores [...] Essa ligação com o povo e com seus problemas é marca fundamental da cultura baiana que influencia toda cultura brasileira da qual é célula *mater*. (AMADO, Jorge, 1945)

Atentemos, contudo, para os fatores que nos induzem ao questionamento sobre a origem do termo baianidade e mais ainda, quais características levantadas para rotular o estilo de vida do baiano de forma tão delimitada. Podemos relacionar a origem da ideia

de baianidade com o que Hall (2003) aponta como um descentramento de antigas hierarquias e de grandes narrativas, efeito direto do que o autor denomina de descolonização do Terceiro Mundo, momento a partir do qual os vetores culturais se modificaram, provocando uma espécie de “*emergência das sensibilidades descolonizadas*”, com destaque à *consolidação de direitos civis e “as lutas negras pela descolonização das mentes dos povos da diáspora negra”*. Sendo assim, os vetores se invertem, uma vez que a cultura popular era ditada a partir das mais altas classes européias, sem deixar de lado, claro, a influência dos EUA, quando assume a posição de potência mundial e, conseqüentemente, de centro de produção e circulação global de cultura. Stuart Hall pontua que as diferenças entre os contextos europeus e estadunidenses de produção de cultura é que o primeiro, mesmo após o processo de descentramento hierárquico, não considerava a etnicidade como fator de produção cultural, diferente dos Estados Unidos da América, cujas séries de hierarquias étnicas legitimadas pelo estado sempre foram determinantes para a construção de suas políticas culturais. (HALL, 2003, p. 335-337)

O descentramento proposto por Hall abriu as portas, no contexto do pós-moderno, para diferentes abordagens da cultura negra e, principalmente, do indivíduo negro, uma vez que

Esse descentramento ou deslocamento abre caminho para novos espaços de contestação, e causa uma importantíssima mudança na alta cultura das relações culturais populares, apresentando-se, dessa forma, como uma importante estratégia para a intervenção no campo da cultura popular. (HALL, 2003, p. 337)

Vale ressaltar que a investida no diálogo com a cultura negra, inicialmente, se deu a partir de olhares de viés sexista, especialmente na Europa, cuja sociedade começou a enxergar a etnicidade pelo olhar da diferença, do outro, quase sempre sob o rótulo de exótico, principalmente nos aspectos físicos. O corpo negro vira alvo de fetiches, uma vez que é despido pelo olhar do primitivismo que outrora era voltado para ele, e se torna um ser marginal, passando a fazer parte do mesmo rol ocupado pelas políticas feministas, de outras etnicidades marginalizadas e também do movimento LGBT, do ponto de vista daquela nova política cultural. Ainda que ocupando um lugar secundário na cultura, a maior visibilidade alcançada por estas minorias gerou um movimento de resistência à diferença conhecido como racismo cultural. Este fenômeno



é caracterizado por ser um ataque agressivo às vertentes multiculturais e o saudosismo à época da colonização, como também novas formas de xenofobia. (HALL, Stuart, 2003)

No que diz respeito à Bahia, observa-se que o discurso contrário aos protagonismos multiculturais não perpetuou, primeiro porque o contexto social do Brasil difere muito do europeu, segundo pela própria Ideia de Bahia sustentada por Osmundo Pinho como um discurso articulado ao imaginário nacional, que ganhou suporte e visibilidade graças à sua veiculação em diferentes narrativas, ao longo do tempo. Contudo, o seu início muito se assemelha ao descentramento apontado por Hall, uma vez que, no período colonial, o negro também era visto pelo viés da diferença e do exótico, uma vez que

Poderíamos então pensar que uma dialética complexa se estabelece na definição de identidade do povo baiano, pensado como fonte de autenticidade e ao mesmo tempo construído como um outro colonial pelo pensamento branco dominante. O lugar da mulher nestes caso é análogo ao do negro, na medida em que, assim como este, ela não é sujeito, mas objeto de discurso, e também como este estaria mais próxima do “estado de natureza”. Mulheres, negros, mestiços: quase poderíamos dizer que “outros naturais” formam a face “típica” e visível do povo baiano tal como se constitui nestas representações. (PINHO, 1996)

Outro ponto que diferencia a Bahia de outros estados brasileiros e até mesmo do contexto europeu é a mestiçagem. Embora também seja visto pelo olhar “do outro”, o mestiço baiano ainda ganha um local privilegiado quando representado pela arte, principalmente na Literatura, uma vez que é comum ver muitos personagens mulatos com uma certa independência e até mesmo ocupando lugar de poder, além de serem retratados como integrantes fundamentais de períodos de profundas mudanças políticas e revoluções. Diferentemente do que ocorrera em São Paulo, Rio de Janeiro e outras grandes cidades influenciadas pela escravidão, na Bahia, os negros não tiveram de se isolar geograficamente, o que permitiu o estado ter uma propensão maior à miscigenação, o que diminuiu o sentimento de segregação entre brancos e negros. (PINHO, Osmundo, 1996)

Embora não tenhamos o isolamento geográfico da população negra nos morros e guetos como acontece no Rio de Janeiro e São Paulo, é impraticável dizer que a Bahia, especialmente a sua capital, a cidade do Salvador, seja uma terra sem racismo. Muito pelo contrário. Ao passo que “marchamos para uma população totalmente mestiça, mas com aparência de branca” (PINHO, 1996, p. 05), afirmar-se negro e exaltar a própria

africanidade é um ato corajoso e que demanda um sensível grau de consciência étnica e histórica.

O carnaval de Salvador, uma das maiores festas populares de rua do mundo, é um exemplo claro da utilização comercial do termo baianidade e de como a figura do negro fora usada para simbolizar o diferente e o exótico. Através das letras dos cantores de *axé music*, muito se fala do cotidiano do negro como uma terceira pessoa, num discurso que tende à objetificação do indivíduo. Pior, fala-se do negro como uma atração turística do Estado da Bahia. O mais paradoxal, contudo, era o fato de que os blocos de trio, entidades carnavalescas tradicionais cujos proprietários eram os produtores de bandas e artistas do segmento musical baiano e empresários do ramo do entretenimento, terem o hábito de exigir fotos de indivíduos que gostariam de se associar aos blocos. O resultado, na avenida, era uma clareira de gente branca rodeada por uma corda e separada dos negros que poderiam ou não ter interesse em se associar ao bloco, mas foram barrados numa espécie de triagem evidentemente racista. Situações como essa, somadas a casos de racismo e segregação, fizeram com que, na década de 70, movimentos negros ligados ao carnaval criassem as suas próprias entidades carnavalescas, os blocos afro, que, segundo Nadir N. Oliveira (2012),

constituem uma das mais importantes expressões da cultura afro-brasileira presentes na Bahia. Desde as suas fundações, sob o comando dos tambores, milhares de pessoas, moradores dos bairros, foliões e turistas, cantam e dançam seus protestos, suas alegrias, suas homenagens aos antepassados, aos seus heróis, sobretudo ao continente africano – terra *mater* – a casa de origem da diáspora, reatualizando e recriando a memória ancestral. (p. 105)

A criação dessas entidades carnavalescas foi um marco para a consolidação do movimento social negro com as manifestações culturais afrobaianas, isso porque os blocos afro não apenas produziam espetáculos carnavalescos tendo como ponto de partida a estética e a musicalidade negra, mas também realizar todo um trabalho social nos seus bairros de origem, como o Olodum, no Pelourinho, o *Bankoma*, no bairro do Portão, em Lauro de Freitas, o Ilê Aiyê, no Curuzú-Liberdade, o *Malê Debalê*, em Itapuã, e etc. Assim, juntamente com as sedes dos blocos, essas entidades construíram escolas, ofereceram cursos profissionalizantes, creches e outros aparatos sociais que pudessem empoderar o povo negro, principalmente as crianças, que cresciam com a autoestima prejudicada por conta de um ambiente racista, como a capital baiana, ao

fazerem parte de uma sociedade que predefinia o lugar do negro em um espaço marginalizado e sem muitas perspectivas de crescimento pessoal e financeiro, já que

Na Bahia, verifica-se que o binômio pobreza/cor derivam (sic), neste século, novas formas de classificação social, dadas as injunções do paternalismo e posteriormente do clientelismo que marcaram as relações entre os setores branco e negro da população, levando ao condicionamento da definição racial à situação de classe. Em função disso, Pierson (1942) identificaria na Salvador da década de 30 o dito popular: negro rico é branco e branco pobre é negro, enquanto Thales de Azevedo (1953) iria propor na década de 50, a categoria de “socialmente branco” na Bahia, referindo-se ao negro ou mestiço que ascenderam. (MORALES, Anamaria, 1991, p. 73)

Sendo assim, os blocos afro não apenas se tornaram o porta-voz cultural da afro-baianidade, expressando sobre tons mais percussivos que elétricos, toda a estética e exuberância da negritude baiana, mas também passaram a assumir um papel social em busca de empoderamento do povo negro. O crescimento em número dessas entidades e a multiplicação de ações socioculturais que elas faziam fizeram com que a mídia despertasse o interesse sobre a temática negra e desse visibilidade aos blocos afro, que passaram a não apenas se apresentarem artisticamente na época do Carnaval, mas serem atrações em festivais nacionais e internacionais, eventos corporativos, festas anuais do calendário baiano e etc. Na própria imprensa, passou a ser comum a veiculação do calendário de festas dos próprios blocos afro e a apresentação deles em jornais, programas de rádio e adjacências. No *A TARDE Cultural*, os blocos afro ganharam uma significativa visibilidade por meio de publicações de intelectuais, estudiosos, escritores e simpatizantes do tema, que exaltaram a importância dessas entidades para a consolidação do conceito de afro-baianidade.

### **3.2 Afrobaianidade no A TARDE Cultural: Literatura, Opinião e Artes Afrobaianas na Pauta do Periódico**

Ao executar o projeto de pesquisa “Escrituras Negras no Caderno Cultural do Jornal A TARDE”, na modalidade PIBIC-Jr, nos anos de 2010 e 2011, enquanto ainda era estudante do ensino médio integrado ao curso técnico de Refrigeração Industrial do Instituto Federal da Bahia, pude perceber como os blocos afro foram canais fundamentais para se fazer escoar a identidade cultural do negro baiano. A mesma

identidade presente na vasta literatura do estado, através das narrativas de João Ubaldo Ribeiro, Jorge Amado, Adonias Filho e outros autores que, inclusive, contribuíram com a pauta do periódico *A TARDE Cultural*. Neste capítulo, revisitaremos os textos selecionados para compor o aplicativo “Afrobaianidade no A TARDE Cultural”, a fim de analisar como características da afrobaianidade foram retratadas nesses textos, em confronto com teóricos do tema e com a questão dos blocos afro.

O primeiro texto que destacamos foi publicado na edição de 06 de agosto de 1994. Intitulado *A Diáspora Afro-baiana* (figura 02) e de autoria de Ari Lima, o texto fala dos diálogos entre africanidade baiana e carioca, explicando este encontro logo na introdução, ao afirmar que a

Antiga corte do Império, primeira capital da República, o Rio de Janeiro é uma diáspora baiana. Mesmo que se passe ao largo da velha polêmica se o samba nasceu aqui ou lá, a influência histórico-cultural da afrobaianidade sobre a comunidade negra carioca é imanente. Já no finalzinho do século passado, é uma preta baiana, Tia Ciata, a ‘mais famosa e incontestada liderança’ da Pequena África, reduto de baianos e cariocas ligados ao samba e ao candomblé, na zona norte do Rio. (LIMA, Ari, 1994, P. 02)



(figura 02 – digitalização do artigo “A Diáspora Afro-baiana”)

Os encontros entre as duas africanidades brasileiras não apenas estão relacionadas a questões como migração nordestina para o sudeste e ao isolamento sofrido pelos negros em guetos e morros na capital fluminense, fazendo com que

nascessem redutos culturais próprios, que podem ser identificados também no território baiano, conforme já apontara Osmundo Pinho em “A Bahia no Fundamental”, quando discutia o conceito ideológico de baianidade e recorreu a comparações entre a comunidade negra carioca e a baiana e que, inclusive, já foram citados no presente trabalho. Além destes fatores, Ari Lima aponta o Rio de Janeiro como uma extensão da diáspora afro-baiana por conta da presença de um importante símbolo cultural da afro-baianidade, o bloco afro. Conforme o autor,

mais recentemente, 1982, o tempero baiano recondimenta a negritude carioca: com o apadrinhamento de ‘Vovô’, um dos fundadores do primeiro bloco afro de Salvador (‘Ilê Ayiê’), é criado o primeiro bloco afro de lá (‘Agbara Dudu’), seguindo o estilo aqui originado. E ainda que se resguardem as singularidades, vislumbra-se uma rebaianização da cultura negra do Rio, onde não se encontra a rigor a Bahia, mas sua correspondente diáspora. (LIMA, Ari, 1994, P. 02)

Aspectos da musicalidade negra também foram apontados no texto como similaridades entre as diásporas baianas e cariocas, especialmente no que diz respeito ao samba, e o autor faz uma importante afirmação que, automaticamente, pode ser ligada à realidade do carnaval baiano após o surgimento dos blocos afro, quando negros e brancos comungam do mesmo espaço e cantam as mesmas letras falando da diáspora<sup>10</sup> negra e das lutas diárias de uma população que enfrenta o racismo e suas conseqüências sociais, como a escassez de possibilidades de crescimento social e oportunidades. Assim como a afrobaianidade, a diáspora afro-baiana no Rio de Janeiro poderia romper o isolamento geográfico provocado pelos guetos e favelas, uma vez que “a rebaianização da cultura negra carioca espalha-se pela Zona Norte, chega à Zona Sul e pode alcançar o Carnaval, apesar das resistências” (LIMA, Ari, 1994, p. 03).

Além dos blocos afro, Lima ressalta a importância do candomblé para a disseminação de conceitos e costumes da afrobaianidade no Rio de Janeiro, embora o maior fator cultural responsável pela diáspora afro-baiana em terras cariocas seja, de fato, a musicalidade. O autor justifica ter centrado o seu texto nos diálogos entre a negritude baiana e carioca ao concluir que “na medida em que baianos de antigas e novas gerações migram para o Rio de Janeiro, transferem manifestações culturais e religiosas, costumes, assumem novos valores ou readaptam antigos, considero o Rio de Janeiro diáspora baiana.” (p. 03)

---

<sup>10</sup> Como diáspora, o autor sugere a definição grega do termo, que significa “dispersão”. Em um uso vulgarizado da palavra, significa que qualquer comunidade que voluntária ou involuntariamente fora de seu território está na diáspora.

Ainda tratando de diáspora, outro texto selecionado para compor o aplicativo trata sobre os diálogos entre os negros baianos e os de outro território, desta vez, a Jamaica. Intitulado *A Jamaica é AQUI – Anotações Sobre a Presença de Marley em Salvador* (figura 03) e assinado pelo sociólogo Ericivaldo Veiga, este artigo publicado na edição de 11 de maio de 1991 do suplemento cultural tem a premissa de

(...) mostrar que, a pretexto de se ‘cultuar’ determinados símbolos míticos, espetaculares, modernos e afirmadores de identidades, vêm se desenvolvendo, entre os jovens negros de Salvador, relações de sociabilidade ao tempo em que se pratica a ‘nova identidade baiana’. (VEIGA, Ericivaldo, 1991, p. 06)

Basicamente, o autor discorre a respeito das relações sociais e manifestações culturais geradas a partir do respeito e culto à personalidade e representatividade do cantor afro-jamaicano Bob Marley, e da síntese que os jovens baianos fazem de sua negritude em dois espaços comuns ao entretenimento de Salvador: os bares de reggae e os blocos afro, estes últimos, responsáveis pela ritualização desse sentimento de mitificação do sujeito, dando um entorno ritualístico às homenagens e expressões culturais, neste caso, da afro-baianidade em si. Com a popularização do reggae na década de 70, impulsionada pelas músicas e identificação da população com a figura de Marley, houve um estímulo à redefinição do comportamento popular de parte da juventude baiana, como, por exemplo, a assimilação da doutrina redencionista Rastafari, que

(...) crê na existência de um deus (Jha); num messias (Rastafari) que conduzirá o ‘povo negro’ à ‘terra prometida’ (África=Etiópia); faz restrições a alimentos animais e ao corte dos cabelos; e a maconha (kaia, ganja) funciona como um elemento de comunicação entre o crente (rastaman) e seu mundo místico. (VEIGA, Ericivaldo, 1991, p. 06)

Pode-se notar, portanto, que a cultura Rastafari é dotada de ritualismos míticos que foram assimilados por parte da população baiana. As letras de Marley retratavam a mesma descendência africana que os blocos afro buscavam recontar através da prosa poética do samba-reggae. Não tardou, inclusive, que começassem a surgir blocos afro exclusivos de reggae, carregando a estética afro-jamaicana e as bandeiras levantadas por Marley e a cultura Rastafari. Apesar das influências ritualísticas e culturais que a sociedade baiana sofreu dos Rastafaris, nada foi maior que o intenso diálogo musical entre os dois territórios, uma vez que o reggae jamaicano contribuiria profundamente para o ritmo que seria a marca fundamental dos blocos afro. Conforme aponta Agerkop, “*algumas tradições musicais do Caribe são decisivas para a formação de novas formas*

de música em Salvador. O chamado samba-reggae se apropriou de elementos musicais e estéticos do reggae jamaicano, mas também de merengue dominicano”. (2009, p. 389)



(Figura 03 – Digitalização do artigo “A Jamaica é Aqui – Anotações Sobre a Presença de Marley em Salvador”)

Ainda sobre as convergências musicais entre a afro-baianidade de Salvador e a cultura Rastafari da Jamaica, YukioAgerkop considera que

O conjunto musical do Caribe que teve a maior repercussão e aceitação em Salvador foi o do *Bob Marley and the Wailers*, influenciando o início deste novo fenômeno musical, o samba-reggae. Isto se deve em parte pelo grande sucesso internacional e o acesso relativamente fácil a discos e outras informações acerca deste grupo. (...) A nomeação para o novo movimento musical, o samba-reggae, faz alusão ao samba e ao reggae jamaicano. Quando observamos a história e o desenvolvimento dos diversos ‘blocos afro’, percebemos que o Caribe, em especial a ilha de Jamaica, não é utilizado nos seus discursos, seja nos textos cantados, seja nas vestimentas, ou até mesmo nos padrões rítmicos ou nas líneas melódicas. (2009, p. 390)

Já para Veiga (1991), que não nega o diálogo entre os ritmos baianos e jamaicanos para a construção do conceito de afro-baianidade nos blocos afro, tal como Agerkop, apresenta um contraponto à fala do pesquisador musical, ao citar o caso do bloco afro *Muzenza*, que sempre teve como referencial o reggae jamaicano e a figura de

Marley, já envolta em mitificação, especialmente após a sua morte, em 11 de maio de 1981, dois meses após a fundação do bloco. Desse modo,

Os fundadores ‘construíram’ uma mítica que relaciona o bloco ao contexto cultural afro-jamaicano no que se refere aos símbolos da cultura musical moderna: Marley, reggae, Jamaica e Rastafari. (...) O momento ‘efervescente’ na dramatização do ritual ocorre quando, por ocasião do desfile, o bloco apresenta-se frente ao palanque oficial: os componentes da ‘tribo’ sentam-se no asfalto formando um grande círculo, enquanto que, no centro, os componentes da ala rastafári dançam, ao som do reggae da Banda Muzenza, e um deles exhibe um pôster de Bob Marley. (VEIGA, Ericivaldo, 1991, p. 07)

Em outra publicação envolvendo o bloco afro *Muzenza*, assinada pelo jornalista Ari Lima e intitulada *Muzenza – Vitória Sobre o Estigma* (figura 04), nota-se que a entidade carnavalesca sintetiza a frase de Goli Guerreiro (1997), em que diz que “*A Bahia virou Jamaica*”, uma vez que o bloco se assumia como uma espécie de embaixador da Jamaica na Bahia, alinhando-se aos princípios musicais propostos pelas letras de Marley, ao tratar da ancestralidade nagô, de fazer duras críticas à escravidão e suas implicaturas sociais para a comunidade negra contemporânea e manter vivo o sentimento de redenção que o reggae jamaicano provocava, embora nem todos os associados do bloco tivessem de ser, necessariamente, adeptos à filosofia e cultura Rastafari, uma vez que “*Marley, o reggae, a Jamaica são usados para marcar a diferença do bloco no carnaval afro-baiano.*” (LIMA, Ari, 1995, p. 06)

**Ani Lima**

**MUZENZA**

## Vitória sobre o estigma

Jesus confessa, em 1991, um estado atípico chamado Bloco Afro-Muzenza. Clássico de Vitor e Vitor de reggae. O trabalho do jornalista Ari Lima, publicado em *Cadernos Sociais* da Universidade Federal da Bahia, O estudo pretende tratar das relações sociais e o sistema simbólico presentes nesses e nesses grupos no contexto do bloco afro Muzenza. Revela que o bloco afro Muzenza nasceu de uma crise no Orizum 1980 e Carnaval de 1980. Geração, Mundo e Barabá foram os fundadores do bloco. O Muzenza nasceu estigmatizado pela imprensa, pela Polícia e integrantes do "mundo negro" como "negro dançante das classes populares baixas. O que estudar dos afro?" — pergunta o

autor. Os bateses afro-afro-afro-afro como afirmação de grupos capazes de mostrar e criticar a realidade vivenciada por seus adeptos, ora como entidades festivas, aglutinadas da zombeteira do Carnaval. Como é abordado pelos componentes dos blocos afro o discurso étnico em relação aos segmentos politizados do "mundo negro"? Quem são esses segmentos e quais suas relações com a sociedade industrial? Através de observação participante do Muzenza, pesquisa de documentos, questionários e entrevistas, o autor, tenta responder a estas questões.

O Muzenza possui uma dimensão social. "Ser Muzenza" significa pertencer a uma espécie de "tribo", reggae, a *BOY MURDER*. O Muzenza se assumiu como embaixador da Jamaica na Bahia. Entretanto, seu projeto era mais amplo: incluir a classe média e baixa em que está situada para fazer, no âmbito da capital jamaicana. Entretanto, de acordo com o próprio Ari Lima, o objetivo é o mesmo: a *Barabá*. Mas é que, longe de ser um espaço de exclusão, o Muzenza "parece querer afirmar-se como representante da identidade étnica e cultural e um lugar de manutenção da identidade". A Jamaica não é aqui "nem todos os associados do Muzenza são rastafári. O reggae, a Jamaica são usados para marcar a

diferença do bloco no Carnaval afro-baiano. As palavras condições de vida, as desigualdades sociais vivenciadas pelos bateses, reproduzidas e refletidas as expectativas de "resistência" do movimento jamaicano.

Deste modo, está dimensão social do Muzenza ultrapassa um nível político ou econômico. É uma experiência social que, segundo Muleka (1987), define como "socialidade": ou seja, um "estar junto que dispensa a fidelidade, a prescrição e a submissão do outro, a estilização da existência. O autor utiliza tanto este conceito de socialidade quanto do de "comunidade" de Turner (1984), para pensar o Muzenza. De acordo com Turner, há dois tipos de inclusão: a um ser coletivo e socializado, através do qual "entrega" quando entra o indivíduo e o indivíduo não tem que abandonar sua identidade nem largar, numa posição, um função política, jurídica ou econômica. O Muzenza está incluído na *Rua Alameda* (Povo, Liberdade, Alegria) e no *Largo do Torço*. Na revista apontada que o bloco afro não é um espaço de exclusão, mas um espaço de inclusão e de inclusão de todos. Durante os meses de estudo quase sempre aparecem notícias de lutas e contendas. Na *Alameda* Povo, moradores ou jovens

integradas em mercado de trabalho ou aqueles que têm um melhor padrão econômico não se aproximam do grupo de base do Muzenza e têm pouco interesse pelo bloco. São os jovens desinteressados ou mais humildes e parentes dos "bateses do bloco" que compõem a base, incluem nos encontros, nos serviços e estão em contato com a entidade.

"Os filhos do Muzenza não fazem, em sua maioria, uma crítica ideológica à estrutura social como movimento que, como reggae, não vê as vítimas de desigualdades (brancos, negros, imigrantes ou as aparências (brancos, negros) e sentimentos como "mundo dos brancos" e a um passado histórico em que os negros foram vítimas de opressão.

Os negros pertencentes a uma situação social pode ser melhorada com a integração ao mundo e ao estilo de vida dos brancos, principalmente entre os jovens. Mas, assim, o sistema de que o Muzenza seja "rebufo de marginais". A entidade não busca, principalmente em negros e cidadãos de meio associados, sempre exige documentos de identificação no ato da inscrição. Passa, entretanto, dificuldade em se relacionar com as hierarquias sociais. Embora tenha reggae em fundação do bloco, reggae não se aproximou de apresentar esta documentação à Polícia. Entre os jovens entrevistados no Muzenza se reproduz uma "tradição oculta" de desorganização juvenil e independentes nas famílias do bloco. Desde o início de sua história a entidade de polícia e marginal no Muzenza e seus associados e colônias como entidade de exclusão. O bloco, entretanto, não elabora uma interpretação que transcenda o estigma, apresentando apenas a defesa do acusado não e autônoma. O "bloco do Muzenza" tem um poder vitalício. As diferenças internas são o sistema ideológico da entidade, combatidas. Não há uma "tradição oculta" de desorganização juvenil e independentes nas famílias do bloco. Desde o início de sua história a entidade de polícia e marginal no Muzenza. Também a forma de organização de trabalho ou aqueles que têm um melhor padrão econômico não se aproximam do grupo de base do Muzenza e têm pouco interesse pelo bloco. São os jovens desinteressados ou mais humildes e parentes dos "bateses do bloco" que compõem a base, incluem nos encontros, nos serviços e estão em contato com a entidade.

O estudo de Ericivaldo Veiga ainda faz parte de uma pesquisa sobre a violência no bloco. Desde o início de sua história a entidade de polícia e marginal no Muzenza e seus associados e colônias como entidade de exclusão. O bloco, entretanto, não elabora uma interpretação que transcenda o estigma, apresentando apenas a defesa do acusado não e autônoma. O "bloco do Muzenza" tem um poder vitalício. As diferenças internas são o sistema ideológico da entidade, combatidas. Não há uma "tradição oculta" de desorganização juvenil e independentes nas famílias do bloco. Desde o início de sua história a entidade de polícia e marginal no Muzenza. Também a forma de organização de trabalho ou aqueles que têm um melhor padrão econômico não se aproximam do grupo de base do Muzenza e têm pouco interesse pelo bloco. São os jovens desinteressados ou mais humildes e parentes dos "bateses do bloco" que compõem a base, incluem nos encontros, nos serviços e estão em contato com a entidade.

O estudo de Ericivaldo Veiga ainda faz parte de uma pesquisa sobre a violência no bloco. Desde o início de sua história a entidade de polícia e marginal no Muzenza e seus associados e colônias como entidade de exclusão. O bloco, entretanto, não elabora uma interpretação que transcenda o estigma, apresentando apenas a defesa do acusado não e autônoma. O "bloco do Muzenza" tem um poder vitalício. As diferenças internas são o sistema ideológico da entidade, combatidas. Não há uma "tradição oculta" de desorganização juvenil e independentes nas famílias do bloco. Desde o início de sua história a entidade de polícia e marginal no Muzenza. Também a forma de organização de trabalho ou aqueles que têm um melhor padrão econômico não se aproximam do grupo de base do Muzenza e têm pouco interesse pelo bloco. São os jovens desinteressados ou mais humildes e parentes dos "bateses do bloco" que compõem a base, incluem nos encontros, nos serviços e estão em contato com a entidade.

(Figura 04 – Digitalização do artigo “Muzenza – Vitória Sobre o Estigma”)



Acerca da diferença pontuada acima, consideramos os diferentes contextos e inspirações que levaram à fundação dos diferentes blocos afro, uma vez que cada um advém de um espaço diferente dentro da Cidade do Salvador, tanto em questões geográficas quanto discursivas e motivacionais, assumindo estéticas próprias e que tendem a se diferenciar uma das outras, inclusive divergindo em temáticas, posicionamentos e abordagens, embora o propósito de exaltar a cultura negra, pregar pelo empoderamento da população afro e o respeito à ancestralidade na sociedade baiana seja comum a todos.

E é justamente sobre o fato dos blocos afro cantar a história das lutas e percalços do povo negro que Ericivaldo Veiga, em mais uma matéria assinada para o *A TARDE Cultural*, aborda a relação entre afro-baianidade e estas entidades carnavalescas. Intitulado *A Metáfora do Pirão* (figura 05), este texto analisa a letra de “*Bye-bye, Pelô*”, vencedora do *XV FEMADUM – Festival de Música e Artes Olodum*, evento pré-carnavalesco que faz parte do calendário baiano. Veiga destaca alguns elementos culturais da composição que reforçam a afro-baianidade, principalmente a gastronomia baiana, que em muito deriva dos costumes e da culinária negra do período colonial. A comida, aqui representada pelos pratos feijoada, pirão, faisão, polenta, entre outros, sempre foi símbolo de agregação entre determinados grupos, o que não seria diferente com os negros que viviam nos casarões do Pelourinho e que, naquele ano, estavam na iminência de serem expulsos daqueles edifícios, uma vez que a posse destes pertencia à Igreja Católica e a famílias ricas da capital baiana. O autor pontua que houve uma negociação, na qual o Estado comprou boa parte destes imóveis. A composição, assinada por Valmir Brito, Rui Poeta, Arleth Star e Jô Nascimento, é uma forte crítica à marginalização do povo negro, principalmente dos moradores do Pelourinho, um lugar com um importante histórico sobre as relações étnico-raciais do estado e que simboliza o sofrimento e a resistência da negritude, durante o período da escravidão. Para o autor, a aristocratização do Pelourinho só reforça o quanto é falsa a imagem de democracia racial atribuída à capital baiana. Fora isso, o embranquecimento de um espaço significativo para o povo negro descaracteriza completamente o seu histórico, que é diretamente ligado à diáspora afro-baiana, uma vez que

Para o Maciel/Pelourinho imigram, em meados do século XX, pessoas vindas de cidades do interior e estados vizinhos ocupando, na forma de moradas coletivas, os casarões abandonados pelos ricos que, devido a

crise econômica de fins do século XIX, deslocaram-se para bairros como Vitória, Graça e Barra. (VEIGA, Ericivaldo, 1995, p. 02)

OLIVEIRA (2012) reverbera a importância do Pelourinho para a diáspora afro-baiana, ao relatar que

O termo “Pelourinho” é o nome dado ao local onde os escravos eram castigados pelos senhores de engenho. O “pelourinho” era construído nos engenhos, afastado da cidade. A fim de demonstrar à população sua força e poder, os senhores de engenho resolveram construir um “pelourinho” no centro da cidade, instalando-o no largo centra, hoje a área localizada em frente à casa de Jorge Amado (sic). A partir daí, os escravos eram castigados em praça pública para que todos pudessem assistir a tal demonstração de poder. (pág. 108)

O texto ressalta a situação de pobreza à qual foi sujeita a população negra e mestiça do Pelourinho, no início dos anos 30 ao final da década de 50, fazendo com que muitos realizassem atividades marginalizadas como prostituição, furtos, comércio ilegal de drogas, entre outras, o que reforçou historicamente a imagem negativa que o Pelourinho tem, devido a presença da chamada marginalidade e da ocorrência de práticas criminosas no local. Ao passo que contextualiza o histórico das relações sociais entre os moradores do Pelourinho, o texto insere o surgimento do *Bloco Afro Olodum* que, “nesta esteira de relações societárias, seria criado no Maciel/Pelourinho, em 1979” e justifica-o em meio a esta realidade, já que

Consciente do seu papel, o grupo afro, em meados da década de 80, sob a liderança do então estudante universitário e ex-morador da área João Jorge, particularizou e associou os problemas do Maciel/Pelourinho a questões como a do negro brasileiro, a da democracia no País e, também, associou-se a órgãos oficiais na luta para que o Pelourinho fosse restaurado e reconhecido patrimônio da humanidade. (VEIGA, Ericivaldo, 1995, p. 02)



(Figura 05 – Digitalização do artigo “A Metáfora do Pirão” – pág. 01)

O artigo ainda aborda como as iniciativas do *Bloco Afro Olodum* e de outras entidades semelhantes fizeram com que o Pelourinho se tornasse um centro comercial e cultural, com o ganho de maior visibilidade na mídia, graças à inserção do bloco afro no carnaval e seus ensaios de verão, o que acarretou na abertura de vários empreendimentos voltados para o turismo, a exemplo de restaurantes, meios de hospedagem e lojas de roupas e *souvenirs*. Além destes atrativos, destaca-se a criação de muitos projetos sociais voltados para a profissionalização dos jovens negros e o resgate de pessoas da prostituição, das drogas e da marginalidade. Ericivaldo Veiga ainda faz um apanhado sobre como o tema da comida esteve presente no samba-reggae ao longo dos anos, como forma de representação de um determinado grupo social e de suas lutas, e sobre o caso de *Bye, bye Pelô* (figura 06), em específico, aponta que

A letra apresenta uma relação de oposição e identidade, representada pela comida, ao mostrar a chegada do novo, visto como belo e estrangeiro, em detrimento do tradicional onde a pobreza era superada pela união e confraternidade. Para compreender melhor estas relações, lembre-se que o antropólogo Peter Fry observou por analogia que, no Brasil, a feijoada é símbolo de nacionalidade. Nos Estados Unidos ela é “soul food”, isto é, um prato que se comporta sentido étnico: “se tornou símbolo de negritude, no contexto de movimento da libertação negra”. (VEIGA, *apud*FRY, 1995, p. 030

*Polenta deslocou o pirão  
 Polenta deslocou o pirão  
 Polenta deslocou o pirão  
 É um povo que parte  
 Outro que invade  
 E um novo Pelô regressou  
 Livre sem censura  
 Pois a raça pura  
 Até pode o centro visitar  
 Mas continua à margem  
 Vive da vontade  
 Aquele que sempre escorou  
 O velho Centro Histórico  
 E por isso eu choro  
 Por muitos Olodum ficou  
 Bye, bye Pelô  
 É lindo ver a exposição  
 É o progresso, é a evolução  
 Bye, bye Pelô  
 Eu esqueço o meu espelho  
 E o candeeiro que quebrou  
 É, o novo Centro hoje  
 aristocratizou  
 Só ficou saudade a quem lá já  
 habitou  
 O brega agora é grife, feijoada  
 tem faisão  
 E não é mais de fato, feijoada não  
 polenta*

(Figura 06 – Letra da música “Bye, bye Pelô”)

Comida de escravos, a feijoada, era feita com sobras de boi e de porco deixadas pelos senhores. Com o tempo, foi se tornando símbolo de nacionalidade, a exemplo do

que aconteceu com outros símbolos como o futebol e determinados ritmos musicais, a exemplo do samba, o que causa a falsa impressão de unidade nacional e democracia racial. A conversão de símbolos étnicos em símbolos nacionais é danosa e faz com que a história por trás desses símbolos seja desrespeitada, uma vez que é forjada uma nova origem para eles, esta, voltada para o ponto de vista que se distancia das classes populares e da negritude. (VEIGA, Ericivaldo, 1995)

Outro texto que explora a questão da comida como elemento étnico forte e como a globalização e os novos moldes e artifícios econômicos fazem com que muitas tradições da negritude se descaracterizem para obedecer a demandas modernas. O referido trabalho é o artigo “*Quem Botou Grife no Acarajé?*” (figura 07), assinado por Márcia Rios, doutora em Letras e professora universitária. Apesar de não estar diretamente ligado à temática central do aplicativo “*Afro-baianidade no A TARDE Cultural*”, que é o conceito de afro-baianidade a partir do ponto de vista sócio-histórico dos blocos afro, o artigo faz parte da seleção para compor o aplicativo, uma vez que levanta discussões acerca de como, enquanto sociedade, preservamos nossos símbolos sociais e nossa memória local, em detrimento das novas demandas culturais e tecnológicas, ao abordar a forma como as baianas de acarajé começaram a fazer uso de suportes tecnológicos e estéticas não convencionais para vender a iguaria, apontando também inovações na própria receita do quitute baiano, com as versões zen e light, e também formas de entrega que extrapolam os limites do tabuleiro, a exemplo dos serviços de acarajé delivery. Para a autora,

A grife impressa no tabuleiro de algumas “baianas” constitui-se em marca distintiva reveladora da necessidade de se rearticular símbolos identitários de culturas locais em épocas de economia e informação globalizadas. Neste contexto, as “monoidentidades”perdem a sua solidez, se esgarçam no contato com outras culturas, e o conceito de nação passa a se definir menos por seus limites territoriais e mais como uma “comunidade hermenêutica de consumidores” (RIOS, Márcia, apud CANCLINI, 1998, p. 06)



(FIGURA 07 – Digitalização do artigo “Quem Botou Grife no Acarajé?”)

O distanciamento da produção e venda do acarajé com o ritual do candomblé do qual ele é originado, por conta da modernização do processo de distribuição e divulgação da iguaria típica da negritude baiana transforma-a num produto como outro qualquer, sem qualquer herança cultural que deva ser preservada, junto aos discursos de reafirmação da identidade afro-baiana. RIOS fala sobre uma espécie de apagamento dessas questões, uma vez que o contexto sócio-histórico e suas problemáticas são ignoradas por um povo que ainda busca por uma identidade para o Brasil – *“relato homogeneizador tecido pelas elites do país, que costumam um texto escondendo suas nervuras e seus nós, para finalmente naturalizá-los como a pele colada ao corpo”*, metaforiza. (RIOS, Márcia, 1998, p. 06)

A reflexão proposta por RIOS dialoga com outro texto selecionado para a composição do aplicativo de leitura. Trata-se de *“Olodum – Um antes, Um Depois”* (figura 08), publicado na edição de 15 de outubro de 1994 do *A TARDE Cultural*. Assinado pelo jornalista e crítico cultural Antônio Medrado, o texto é uma resenha crítica sobre o livro *“Olodum – De Bloco Afro a Holding Cultural”*, produto da tese de mestrado de Marcelo Dantas. A obra, conforme aponta a crítica, relata o distanciamento que o Olodum começou a apresentar em relação às suas origens e seu público-alvo, em detrimento de demandas políticas, sociais e financeiras, desassociando o seu discurso nas letras das músicas com sua prática comercial, uma vez que começou, como também outros blocos afro, a aceitar incentivos financeiros de políticos que, muitas vezes, não eram ligados à causa negra e nem possuíam histórico de luta contra o racismo e as desigualdades raciais. O livro faz uma comparação da postura do *Bloco Afro Olodum* na sua origem, permeada pelo discurso anti-discriminatório e de redenção do povo negro,

ao então presente, cujos posicionamentos e ações divergiam muito da forma como o grupo se comportava política e socialmente:

Ou seja, o Olodum tinha um antes (guerrilheiro, colorido, fascinante, carismático) e um depois (com dinheiro, mas insosso). Seu desfile *embranqueceu* (...) – ao embranquecer, endureceu também –desprovidos de um cantor/instrutor de aeróbica, ao contrário do que ocorre nos blocos de trio, as moças e os moços “bonitos”, por brancos, da Barra, Graça etc. não sabem que fazer com os corpos, dando sempre a impressão de que a famosa *etpour cause*, bateria de Mestre Neguinho tenta animar um passeio de zumbis. (MEDRADO, Antônio, 1994, p. 11)

Medrado aproveita a crítica que faz para levantar fatos semelhantes vividos por outros blocos-afro, especialmente no que tange ao pagamento dos chamados “jabás” para divulgação e veiculação na mesma mídia que veicula estereótipos racistas em sua dramaturgia, em sés comentários e nos exemplos e opiniões pessoais dos próprios funcionários. O autor nos traz à reflexão a possibilidade da afro-baianidade ser um elemento de identidade frágil, que não consegue se impor diante das pressões sociais e das novas demandas culturais, haja vista que grandes instrumentos do movimento negro baiano, os blocos afro, acabam cedendo a estas pressões, o que passaria despercebido pela análise de Dantas em seu livro, conforme critica Medrado:

Como um livro de tese, Olodum – De Bloco Afro a Holding Cultural peca pela unilateralidade. Agora, se a intenção era produzir uma peça de propaganda asséptica para vender um produto social e politicamente correto, o objetivo foi atingido. Talvez isto explique tudo: “Copyright, 1994, by Grupo Cultural Olodum”, no livro. (1994, p. 11)



(Figura 08 – Digitalização da crítica “Olodum – Um antes, Um Depois”)

Apesar de, em suas relações comerciais os blocos afro terem sido, nos textos publicados pelo *A TARDE Cultural*, criticados negativamente quanto o afastamento de suas origens, no que diz respeito à sua performance nas ruas, eles são exaltados pela riqueza das representações da afro-baianidade e africanidade em seus desfiles carnavalescos, conforme pontua o artista plástico e professor universitário Juarez Paraíso, em seu artigo “A Arte Plástica nas Ruas” (figura 09), publicado na edição de 24 de fevereiro de 1990. O texto aborda a produção artística para o Carnaval de Salvador nos blocos, afoxés, apaches, nos trios e até mesmo na ornamentação da cidade ressaltado que, nesta época, muitos segmentos artísticos se apegam à estética de elementos africanos e afro-baianos para sintetizar, em suas marcas, sejam de trios, blocos e agremiações carnavalescas, o sentimento de identidade em relação à arte nagô.



(Figura 09 – Digitalização do artigo “Artes Plásticas nas Ruas”)

Nas palavras do autor,

Na Bahia há um destaque todo especial para os afoxés e blocos afro, onde a força da negritude é magnificamente expressa. Como um grande colar de Omolu em movimento, o desfile dos Filhos de Ghandy é um dos movimentos altos do carnaval baiano.(...) Também bastante expressiva tem sido a presença de outros artistas plásticos nos afoxés e blocos afro, a exemplo de Augusto Cesar no Araketu, Walter no Muzenza, Amigão no Malê Debalê, Francisco Santos e Bento no Olodum. (PARAÍSO, Juarez, 1990, pág. 07)

É notório, contudo, que toda essa mobilização artística entorno da africanidade e dos elementos étnicos foi utilizada também por outros grupos carnavalescos da indústria criativa e cultural do Estado da Bahia, que, nos restantes 359 dias no ano não se

articulavam em prol da causa negra e, inclusive no Carnaval, davam exemplos claros de segregação racial, como a utilização de triagem com foto para a seleção de associados aos blocos e também ações de segregação social como a utilização de cordas para separar o público pagante do chamado folião pipoca<sup>11</sup>. Tudo isso porque a indústria cultural do estado enxergou na exploração artística dos elementos étnicos como uma forma de resgatar o mito da “democracia racial” e construir um produto atrativo e vendável para o público turista e até mesmo para os adeptos de determinadas associações, conforme sugere MORALES (1991), ao citar a fala de Vovô do Ilê, fundador do bloco-afro Ilê Aiyê:

“Na Bahia há os que produzem e os que exploram a cultura negra. A música do Olodum ‘Faraó’, está sendo divulgada, mas quem vai ganhar dinheiro não são os cantores do bloco, ela foi encampada por outros (...) Os blocos afro geram trabalho para muita gente, que tem que se dedicar 48 horas por dia para a coisa funcionar. Essa história de que a negrada não pode fazer nada visando lucro é política ideológica. Só os brancos podem ganhar dinheiro, os negros têm que fazer tudo por ‘ideal, em defesa da cultura. Aí, vem os gringos querendo filmar o bloco, sem pagar nada e depois vendem caro o documentário na TV européia. Eu mando logo botar pra fora.” (pág. 82)

Em outra publicação selecionada para compor o aplicativo, observamos algumas correspondências em relação às falas de Juarez Paraíso. Publicada na mesma edição em que foi veiculado o artigo do artista plástico supracitado, o texto “*Construção da Baianidade*” (figura 10), assinado pelo sociólogo Ruy Espinheira. O artigo também aborda o Carnaval de Salvador na perspectiva dos blocos afro. Para o autor, o ato de se vestir com as cores e a estética da negritude despertou a elevação de uma autoestima adormecida na população negra da capital baiana, até porque

Esses blocos eram canais para o exercício do lúdico em grupo e assumiram aspectos bem pitorescos na história do carnaval baiano. Nos últimos anos, contudo, as coisas começaram a mudar. O negro que se fantasia de negro começou a assumir essa identidade para além do carnaval, adotando a negritude como uma maneira de ser a exposição da beleza negra, a abolição dos padrões dominantes; dos penteados, das vestimentas. Uma nova imagem construída a partir de uma *praxis* em que o lúdico proporcionou o aprofundamento de questões fundamentais para a afirmação de posturas políticas difundidas internacionalmente (contra o apartheid, p. ex) e também produzidas em cada canto onde o negro sentia a opressão da dominação branca. (ESPINHEIRA, Ruy, 1990, pág. 09)

Para o autor, assim que o negro sai do espaço reservado a ele na sociedade, caracterizado aqui pelos guetos, morros e favelas, “*lugares considerados profanos pela*

<sup>11</sup> Folião pipoca é o nome dado ao folião que não faz parte de nenhuma agremiação carnavalesca baiana (blocos de trio) e nem paga para ficar em camarote, contudo, compõe a grande maioria do contingente de pessoas que frequentam a festa. (CABRAL, KRANE e DANTAS, 2013, pág. 151)



*classe dominante*” e passa a ocupar a rua, em pleno período em que ela era reservada aos brancos que se entretinham nos exclusivos blocos de trio, ele passa a fazer, efetivamente, parte da cidade do Salvador, embora aos blocos afro, afoxés e demais agremiações carnavalescas negras fossem atribuídos os horários de menor destaque pela mídia e menor circulação de pessoas pelas ruas. O que se discute em *Construção da Baianidade*, contudo, é a importante interferência promovida por essas instituições no cotidiano da cidade e no movimento de empoderamento e emancipação do povo negro. Mais que isso, simbolizou, através das músicas, das danças e dos discursos inflamados em cima dos trios e carros de som, um retorno à África “*que deu-se em várias fases: a África dos ancestrais, a idealizada e a África revisitada por integrantes dos blocos com a intenção de revigorar referenciais modernos par a consolidação da eternidade. Assim tem-se o Ilê Aiyê, o Araketu, o Muzenza e outros mais*”. (ESPINHEIRA, Ruy, 1990)



(Figura 10 – Digitalização do artigo “A Construção da Baianidade”)

Vê-se, dessa forma, que a afro-baianidade tem sua principal raiz atrelada à origem e à história dos blocos afro. Além dos textos supracitados, outros artigos e matérias foram selecionadas para compor o aplicativo. A seleção privilegiou conteúdos que abordassem temas do cotidiano baiano que denotassem a presença de diversas características afro-baianas, como o texto “CEAO, 40 ANOS – Uma Escola de Identidades “ (A TARDE Cultural, 28/08/1999), “Dendê Polêmico” (A TARDE Cultural, 05/06/2004), “O Samba e o Tamborim” (A TARDE Cultural, 24/10/1994), “Bimba e Pastinha – Golpes de Mestres” (A TARDE Cultural, 1996), como também produções literárias como os poema “AIHAB” e “Doce é o meu Caminhar” e a crônica

“A Lenda do Povo Baiano”, extraída da edição do dia 21 de setembro de 1996, do suplemento cultural. As metodologias de análise para a composição de todo o material textual e crítico do aplicativo serão detalhadas nos capítulos seguintes. Pontuaremos a seguir as correspondências que o trabalho desenvolvido desde o projeto *Escrituras Negras no Caderno Cultural do Jornal A TARDE* (2009) e iniciativas semelhantes têm com a área de educação, especialmente no que tange o cumprimento da Lei 10.639/03.

### **3.3 Aplicação das Escrituras Negras no A TARDE Cultural em Contextos Educativos: As Leis 10.639/03 e 11.645/08 e a proposta do IFBA para o Curso de Pós-graduação *latu sensu* em Estudos Étnicos e Raciais**

A produção e disseminação de conteúdos ligados a questões identitárias afro-indígenas é de extrema importância para os contextos educativos, uma vez que incitam o debate e a conscientização de um público em formação a respeito da importância da preservação da memória e da igualdade nas relações étnico-raciais, pressuposto central de leis oficiais como a 10.639 e a 11.645, e documentos como as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, do Ministério da Educação, que expõe uma série de orientações sobre como incluir na pauta da sala de aula os temas referentes à história e cultura da africanidade no Brasil. Projetos como o *Escrituras Negras no Caderno Cultural no Jornal A TARDE* (IFBA-CNPq, 2009-2010) privilegiam conteúdos importantes, publicados de um ponto de vista artístico, muito diferente da imagem estereotipada da negritude que tem sido exposta nos livros didático, o que configura uma problemática para a execução das leis, uma vez que

Se, por um lado, as Leis apontam para uma perspectiva de reconhecimento acerca da importância dos povos africanos e indígenas; por outro, a abordagem trazida pelos livros didáticos adotados, por exemplo, de língua portuguesa, não acompanham o ritmo da imposição dessas Leis. Ao contrário, até um passado recente, mesmo pós Leis, 10639 e 11645, faziam circular um modelo estereotipado do africano e do afro-descendente, bem como do indígena, os quais mostravam a contribuição desses povos na formação da cultura e do povo brasileiros, apenas a partir da música, da dança, da culinária e, no máximo, da religião ou reduziam os primeiros ao passado escravista. Tratava-se, então, de desconsiderar, ou pior, desvalorizar, elementos fundamentais da formação de uma população que é, na maioria, negra ou mestiça. (BRASIL, 2012, p. 03)

A falta de conteúdos atrativos e que se diferenciem das abordagens estereotipadas acerca da temática negra acaba por não instrumentalizar devidamente os profissionais de educação para a construção de debates que de fato possam esclarecer histórica, social e culturalmente os contextos vivenciados pelos negros brasileiros que, inclusive, de acordo com pesquisas realizadas pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, configuram a maior parte da população do país, que já pode ser reconhecido como uma nação majoritariamente negra. Dessa forma, as Leis 10.639 e 11.645 privilegiam a passagem de conteúdos sobre a história e cultura afro-brasileira nas salas de aula do Brasil, em vistas à diminuição das desigualdades e dos preconceitos étnico-raciais no contexto da formação do cidadão brasileiro.

O projeto aqui relatado neste trabalho de conclusão de curso foi uma das iniciativas aproveitadas pelo Departamento de Ciências Humanas e Linguagens do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus Salvador, para que a IES fomentasse, por meio de projetos de iniciação científica e tecnológica, a produção e análise de conteúdos acerca da cultura e história da população afro-brasileira, no intuito de se criar uma ampla base de dados que justificassem a criação de um curso de pós-graduação *latu sensu* em estudos étnicos e raciais, que finaliza, no presente ano, a 1ª turma que pôde contar com um curso de especialização sobre as temáticas destacadas neste trabalho, de forma gratuita e em uma renomada e tradicional instituição federal de ensino. Para a capital baiana, que abriga um dos maiores contingentes de negros fora do continente africano, a existência de iniciativas como esta promove o aquecimento da produção intelectual sobre as relações étnico-raciais e suas problemáticas, além de instrumentalizar diversos profissionais para a atuação em órgãos oficiais de prevenção ao racismo, como os observatórios raciais e também na sala de aula, integrando a cultura e história afro-indígena brasileira nas grades curriculares de disciplinas do ensino básico.

De acordo com Guedes, Nunes e Andrade (2013), é necessário que haja a preocupação na área de educação a respeito da história e cultura afro-indígena brasileira, porque a escola

é compreendida como o berço dos conflitos, dessa conversação que proporciona a troca de experiência e é, nesta fase que entra a discussão da cultura afro, já integrada ao currículo escolar (...)A influência que este assunto e lei causam em sala de aula é ponto chave para estimular docentes e discentes na discussão do assunto, pois gera no professor a segurança para discutir o problema, já que há uma lei que o auxilia neste

processo. Contudo, é importante encontrar uma maneira correta de abordar determinada questão, para não cair na redundância ou comodismo de trabalhar assuntos rotineiros de “caráter conteudista”, como por exemplo, limitar o estudo do negro no Brasil ao período escravagista, despertando a falsa impressão de que não foi deixado um legado cultural, com apenas sua força de trabalho se fazendo presente. (p. 423)

A concepção das autoras acima dialoga diretamente com o que está exposto no projeto oficial do curso de pós-graduação em Estudos Étnicos e Raciais do IFBA, uma vez que, ao apresentar a concepção do curso, o projeto reverbera

o papel social da escola como instituição responsável pela construção de identidades, formação de valores e inclusão social. Ressalta-se a necessidade de se formar profissionais da educação preparados para lidar com a diversidade cultural em sala de aula, mas acima de tudo, preparados para criticar o currículo e suas práticas, investindo-se na formação inicial e continuada. (BRASIL, 2012, p. 05)

DE NÓBREGA (2014) acrescenta que

A Educação constitui-se em um dos principais mecanismos de transformação de um povo. Desse modo, as escolas têm como função social a responsabilidade de mudar a história, cabendo-lhes a incumbência de dinamizar a propagação desta lei e de promover a reeducação racial já que elas influenciam diretamente a vida de seus alunos. Organizar um ambiente escolar em que seus interlocutores (professores, gestores e coordenadores) tenham de suscitar um espaço de inclusão das diversidades e exercerem 9 papéis que contribua com todo o processo de democratização dos saberes, bem como, ser comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimulando a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitam as diferenças e as características dos diversos grupos sociais e das minorias é um imperativo nos dias atuais. (p. 08)

Desse modo, é papel do profissional de Letras e Literatura, como qualquer outro que se dispõe a realizar o trabalho intelectual voltado para a produção e disseminação de conteúdos diversos, modernizar a sua prática e fazer com que publicações relevantes para movimentar o debate acerca das relações étnico-raciais, inserindo-se no contexto educacional não apenas como mediador do conhecimento, mas também como incentivador de leituras necessárias à compreensão dos diferentes contextos sócio-culturais nos quais está inserida a população negra do Brasil.

Através da oferta de novos e diferenciados conteúdos sobre as temáticas referentes à história e cultura afro-indígena brasileira, será incentivada ao estudante a revisitação a leituras que tratam do tema de maneira estereotipada e antiquada, muitas vezes ainda presentes em uma numerosa quantidade de livros didáticos. A proposta de visitar essas leituras após a descoberta de novas abordagens acerca do tema, como os conteúdos veiculados no suplemento cultural do *Jornal A TARDE* e resgatados através

de aplicativos de leitura, conforme o presente trabalho de conclusão de curso, objetiva despertar nos estudantes o posicionamento crítico diante de estereótipos relacionados à cultura e história da população negra e indígena do país. Para tal efeito, detalharemos no próximo capítulo os procedimentos metodológicos que fazem parte da rotina de programação de aplicativos de leitura para dispositivos eletroportáteis, dando como exemplo toda a produção do aplicativo *Afro-baianidade no A TARDE Cultural*, desde as etapas de análise e produção textual à programação do aplicativo por meio de elementos dispostos na Tecnologia da Informação e Comunicação.

#### **4. O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO APLICATIVO “AFRO-BAIANIDADE NO A TARDE CULTURAL” E AS NOVAS PROPOSTAS DE ATUAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DO PROFISSIONAL DE LETRAS E LITERATURA**

Cada era da humanidade teve a sua própria revolução como marca do processo evolutivo das civilizações, que são posteriormente estudadas pelas gerações seguintes. Se pudéssemos denominar qual revolução vivemos no atual momento, certamente denominaríamos de “Revolução Tecnológica”, uma vez que *“existe, na sociedade contemporânea, a tendência para uma visão global do mundo em que o avanço da ciência se relaciona com as inovações”* (FREIRE; FREIRE, 1998). Nunca se aprimorou tantos conhecimentos e a pesquisa científica nunca esteve tão em pauta. Inventores saem de onde sequer podiam contar com a instrumentalização necessária para os seus inventos. Estudantes de graduação já estudam possibilidade de criarem novas vacinas e tratamentos eficazes e até mesmo curas de doenças sobre as quais a ciência ainda não tem o total controle. Tudo isso é repercutido por uma mídia sedenta de novas informações. Vaquinhas on-line para impulsionar um projeto, o conceito de sociedade muda com a criação de dezenas de novas *startups* a cada dia, sendo que sua maciça maioria é formada por estudantes curiosos que ainda estão se enveredando nos primeiros semestres da graduação, mas já com o tato de empreendedorismo e também com uma vontade enorme de interferir positivamente nos diferentes contextos sociais. Diante de tantas mudanças, elos interdisciplinares visíveis no mundo acadêmico e surgimento de novas e revolucionárias tecnologias, onde está o estudante de Letras?

Este terceiro e último capítulo do presente trabalho de conclusão de curso busca refletir sobre como, muitas vezes, comunidades acadêmicas inteiras podem ficar, por diversos motivos, sem acompanhar as mudanças do mundo contemporâneo e do mercado. Muitas vezes, a rejeição a uma abordagem interdisciplinar na formação do profissional acaba limitando as possibilidades de atuação de determinada área, o que muito acontece com quem opta pela carreira das Letras e da Literatura e dificilmente se enxerga, durante o processo de formação acadêmica, como um potencial produtor e disseminador de conteúdos críticos, ricos culturalmente e de fácil acesso a um público que não seja necessariamente acadêmico, embora, claro, seja demandado do profissional a produção acadêmica de qualidade para fins de popularização da ciência e tecnologia, um dos pilares da educação do país.

Analisaremos, portanto, a formação em Letras tendo em vista a importância do profissional para a produção e circulação de conteúdos a serem aplicados em diferentes contextos, especialmente o contexto educativo, onde há a maior contingência de profissionais da área, detalharemos a metodologia de desenvolvimento do código-fonte do aplicativo *Afro-baianidade no A TARDE Cultural* e também o processo de produção de editoração e análise pelos quais os textos selecionados para compor o aplicativo passaram, e finalizaremos com uma reflexão acerca da abordagem interdisciplinar no contexto formativo do estudante de Letras, pelo ponto de vista de programas institucionais de iniciação tecnológica nesta e em outras áreas das ciências humanas, em vistas à oferta de novas abordagens de atuação para o estudante nos campos da pesquisa científica e também na criação de novas vias para a popularização da Ciência e Tecnologia.

#### **4.1 O Mercado de Leitura Digital na Contemporaneidade e a Inclusão de Conteúdos Negros para a Disseminação de Discursos Igualitários: O Caso dos Aplicativos *Escrituras Negras no A TARDE Cultural* e *Afro-baianidade no A TARDE Cultural***

É costumeiro, em aulas de Linguagens e Literatura, seja no ensino básico ou nas universidades, ouvir os professores se queixarem de que “o brasileiro lê pouco”. Fora esses casos, a mídia veicula a imagem do Brasil como uma nação que não se interessa pela leitura, seja de obras literárias, artigos científicos, livros de arte, HQs e diferentes gêneros e formatos de texto. Na última pesquisa que busca traçar um retrato quantitativo dos leitores brasileiros, o *Instituto Pró-livro* divulgou dados que mostram que menos da metade da população do país, o equivalente a aproximadamente 88 milhões de pessoas, leu ao menos 01 livro no ano de 2014, sendo que boa parte deste grupo é formada por professores e acadêmicos, pessoas que devem, obrigatoriamente por questões profissionais, ler. Em um mundo onde o acesso à informação, à arte e à cultura está cada vez mais facilitado, estes dados são um tanto desmotivadores. Diante de tal fato, muitos profissionais e estudantes de Letras se veem incumbidos de pesquisarem, publicarem análises críticas do quadro atual e identificarem os diversos motivos pelos quais o brasileiro não lê. Contudo, diante de tal quadro, há pouco movimento em relação a

como reverter este quadro, uma vez que temos em mãos uma importante ferramenta capaz de produzir materiais de leitura e fazer resgates de obras importantes, que é a leitura digital.

A leitura digital deve receber a devida importância dos estudantes e profissionais de Letras e Literatura porque configura uma importante ferramenta não só para a criação e disseminação de conteúdos literários, científicos e culturais, mas também para o resgate da memória cultural de outras épocas que não foram contempladas por mecanismos de digitalização de originais. É de suma importância que o filólogo, o crítico textual e os editores mantenham-se sempre atualizados no que se refere às novas técnicas de preservação de documentos, especialmente os livros raros e obras antigas que são constantemente pesquisadas e encontram-se muitas vezes fora do alcance do pesquisador, seja por estarem abrigadas em museus e entidades especializadas na manutenção destes materiais, o que impede o acesso, seja até mesmo pelo desgaste físico causado pelos anos em que foram manuseadas, muitas vezes até mesmo por pessoas que não possuem as devidas técnicas de manuseio de materiais frágeis. Devo pontuar que este foi um dos problemas encontrados no acervo público da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, localizada no bairro dos Barris, em Salvador, durante o processo de digitalização prévia dos exemplares do periódico *A TARDE Cultural*, muitos dos quais já se encontravam ilegíveis e com danos irreparáveis. ARANELLO (2004) compartilha deste ponto de vista ao comentar que

A natureza dos documentos digitais está permitindo ampla produção e disseminação de informação no mundo atual. É fato que na era da informação digital se está dando muita ênfase à geração e/ou aquisição de material digital, em vez de manter a preservação e o longo acesso a longo prazo aos acervos eletrônicos existentes. O suporte físico da informação, o papel e a superfície metálica se desintegram ou podem se tornar irrecuperáveis (...) A aplicação de estratégias de preservação para documentos digitais é uma prioridade, pois sem elas não existiria nenhuma garantia de acesso, confiabilidade e integridade dos documentos a longo prazo. (p. 15)

Além dos processos de digitalização e preservação dos documentos, é necessário que haja a preocupação em transmitir os seus conteúdos a um raio de público satisfatório, democratizando o acesso à informação. O mesmo princípio se aplica aos conteúdos produzidos para as mídias digitais. Com o crescimento de suportes eletroportáteis como os *tablets*, *smartphones*, *e-book readers* e adjacências, a criação e o desenvolvimento de aplicativos de leitura se torna uma maneira interdisciplinar de trabalhar com a análise, a edição, escrita e publicação textos, uma vez que, além de lidar



com conhecimentos e técnicas referentes às linguagens de programação de aplicativos – trabalho, inclusive, que pode ser feito em parcerias entre institutos e faculdades distintas – o desenvolvedor deverá atentar para detalhes estéticos nos quais as obras estão inseridos, como época, estilo, referências artísticas e adjacências, o que vai demandar do profissional uma vasta pesquisa não só sobre o próprio material ou obra, mas também sobre os seus correspondentes, do ponto de vista artístico, mercadológico, estético, do público-alvo que se quer atingir com aquele novo produto de leitura e etc., fora que para cada tipo de material a ser transportado para as plataformas digitais de leitura, haverá um tipo de tecnologia específica, indicada para os diferentes contextos de preservação. Ainda citando ARANELLO,

A preservação dos documentos continua a ser determinada pela capacidade de o objeto informacional servir às utilizações que lhe são imputadas, às suas atribuições que garantem que ele continue a ser satisfatório às utilizações posteriores. Mas, no caso específico dos documentos em formato digital, a preservação dependerá principalmente da solução tecnológica e dos custos que ela envolve. (2004, p. 15)

É interessante comentar também os casos das chamadas bibliotecas digitais, que são acervos inteiramente alocados em ambientes digitais, a partir de uma complexa rede de sistemas, muitas, inclusive, desenvolvidas a partir das necessidades específicas das instituições, que precisam fornecer materiais de qualidade aos usuários, sem ter de se preocupar com o desgaste pelo excesso de manuseio e o tempo. Após o processo de digitalização de, por exemplo, livros raros, jornais antigos e outros textos e imagens já fora de circulação há um bom tempo, o original pode ser mantido em locais apropriados para evitar a deterioração. DA CUNHA (1999), *apud* SAUNDERS (1992) ilustra de forma clara o conceito por trás das bibliotecas digitais, ao apontar que

A biblioteca digital também é conhecida como biblioteca eletrônica (termo preferido dos britânicos), biblioteca virtual (quando utiliza recursos da realidade virtual), biblioteca sem paredes e biblioteca conectada a uma rede (...) essa biblioteca implica um novo conceito para a armazenagem de informação (forma eletrônica) e para a sua disseminação (independente de sua localização física ou do horário de funcionamento). Assim, nesse contexto conceitual estão embutidas a criação, aquisição, distribuição e armazenamento de documentos sob a forma digital. De um documento digital pode-se conseguir uma cópia em papel. Nessa biblioteca, o documento (aqui entendido na sua acepção mais ampla) é uma fonte digitalizada e o papel, portanto, é um estado transitório. (p. 258)

Apesar de se apresentar como uma solução para muitos problemas inerentes aos acervos físicos, a biblioteca digital também necessita de muita atenção por parte dos seus gestores, uma vez que o seu trabalho não termina após o processo de digitalização

e disponibilização do acervo virtual para os usuários. Conforme aponta INNARELLI (2011),

Durante algum tempo acreditava-se (por ignorância, interesses ou negligência) que a documentação digital estaria livre de problemas tradicionais relacionados ao acondicionamento, degradação do suporte, obsolescência, falta de confiabilidade e espaço de armazenamento, porém o tempo nos ensinou que a tecnologia por si só não soluciona todos esses problemas, pelo contrário, inclui novos problemas, os quais dependem diretamente da interferência humana e de políticas de preservação digital para serem solucionados. (p. 75)

No caso específico do aplicativo *Afro-baianidade no A TARDE Cultural*, a tecnologia empregada para abrigar os textos digitalizados, as resenhas críticas e os artigos acadêmicos de forma digital foi a programação de aplicativos para dispositivos eletroportáteis, o que significa dizer que foi selecionado um tipo específico de linguagem de programação, neste caso, a Linguagem Java para a versão Android<sup>12</sup> do aplicativo e também a Linguagem Objective-C para a versão iOS<sup>13</sup> do aplicativo. Fora a programação e desenvolvimento do algoritmo lógico que vai tornar o aplicativo executável dentro de suas respectivas plataformas, houve também todo um trabalho de *design* e busca por referências que pudessem sintetizar artisticamente a proposta do aplicativo de leitura, a criação de logomarca, a seleção dos componentes do menu, especificações das funcionalidades e outros fatores cuja metodologia de desenvolvimento será detalhada nos tópicos seguintes.

Em termos conceituais, o aplicativo amplia a ideia de biblioteca digital para uma perspectiva eletroportátil. As bibliotecas que já possuem sistemas de leitura digital em suas sedes ainda contam com a limitação de estarem em sistemas internos, alocados na sua estrutura física. O aplicativo leva, metaforicamente, a biblioteca para a palma da mão do usuário, que pode ser acessada off-line, a qualquer momento e em qualquer lugar. Além disso, os aplicativos de leitura que servem como bibliotecas digitais podem ser feitos por temática, ano, autores e outros recortes até mesmo demandados pelo público que consome este tipo de leitura e muitas vezes não tem tempo de ir à biblioteca buscar por fontes primárias. Versões em HTML do aplicativo também podem ser disponibilizadas para serem acessadas de notebooks e desktops, facilitando o download

---

<sup>12</sup>Android é o sistema operacional da Google para dispositivos eletroportáteis. A linguagem Java é a mais indicada para o desenvolvimento de aplicativos executáveis neste sistema.

<sup>13</sup>iOS é o sistema operacional da empresa Apple, que, em seus dispositivos eletroportáteis, preza por aplicativos que sejam desenvolvidos e linguagem Objective-C ou C++.

do material digitalizado para o uso na produção científica e popularização da ciência e tecnologia. É notável que

O mercado de dispositivos móveis é ramificado por diferentes fabricantes, o que inclui uma gama de plataformas de desenvolvimento, sistemas operacionais móveis, software e hardware. A existência de múltiplas plataformas cria uma grande variedade de aplicativos, cada um codificado para ser executado sob sua arquitetura específica. (DA SILVA, PIRES e NETO, 2015, p. 26)

Foi escolhido para abrigar os conteúdos sobre a afro-baianidade no caderno cultural do *Jornal A TARDE*, dentre todos os novos suportes de leitura digital, o aplicativo, porque este suporte está cada vez mais democratizado entre os diferentes grupos sociais, haja vista que há uma grande variação de preços e modelos de dispositivos como *tablets* e *smartphones*, como também o fato do aplicativo ter a facilidade de estar hospedado em plataformas globais de download, a exemplo da *GooglePlay*, da *AppStore* e da *Windows Store*, que contam com modernos dispositivos de busca de conteúdos específicos, aos quais são atribuídos grupos de interesse e características afins, o que faz com que o usuário tenha acesso facilitado ao produto, haja vista que as próprias plataformas oferecem aplicativos com temáticas do interesse de cada usuário, baseando em preceitos técnicos dos chamados “estudos de usuários”, que, por concepção,

são investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou então, para saber se as necessidades de informação por parte dos usuários de uma biblioteca ou de um centro de informação estão sendo satisfeitas de maneira adequada (FREIRE, *apud* FIGUEIREDO, 1998).

A inserção de conteúdos negros no universo dos aplicativos de leitura é fundamental para que haja cada vez mais material sobre cultura, arte, comportamento e, principalmente, que questione os estereótipos relacionados aos negros, veiculados em outras literaturas e conteúdos diversos, disponível para um raio largo de público e que possam ser aplicados especialmente em contextos educativos, haja vista o argumento das leis citadas no capítulo anterior. É importante lembrar que o presente trabalho é uma ramificação do que foi feito em 2011, o aplicativo *Escrituras Negras no A TARDE Cultural*, por meio de um programa institucional de iniciação tecnológica e de inovação (PIBITI), executado no IFBA e financiado pelo CNPq. No que se refere ao aplicativo *Escrituras Negras no A TARDE Cultural*, foi feita uma seleção de texto diversos

publicados no suplemento estudado, de modo a contemplar diferentes temáticas referentes à negritude como um todo e aos diálogos propostos pelos autores com a cultura local e negritudes transatlânticas.

Transformar a afro-baianidade, um elemento identitário tão forte e presente no cotidiano baiano em um hipertexto é transpor um elemento cultural em informação, o que corresponde colocá-lo no papel de um “*elemento organizador que depende da competência do ser humano para sua produção, comunicação e, por fim, para sua incorporação ao referencial particular de cada usuário*” (FREIRE; FREIRE, 1998). É uma demanda recorrente por conta do aumento expressivo dos índices de consumo de leitura digital, haja vista o aumento de suportes que abrigam os escritos digitais e as novas ferramentas que facilitam a leitura, tornando a experiência cada vez mais próxima da leitura do livro impresso, como os efeitos de granulação de página, efeitos de *Flash Page Flip* que simulam o virar de uma página e outras sutilezas que aprimoram a experiência de leitura.

As inovações supracitadas são possíveis graças aos avanços nas áreas das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), especialmente no que se refere aos avanços das linguagens de programação. Em termos de conteúdo afro-brasileiro e africano em forma de hipertexto<sup>14</sup>, a produção ainda continua tímida, contudo, há vários grupos que estão se empenhando para inserir o negro no mercado tecnológico e de criação de conteúdos voltados para a etnicidade, a afrobrasilidade e os discursos igualitários. Não só do ponto de vista criativo, mas também de uma perspectiva de empoderamento, como podemos destacar o grupo *Negras e Negros na Tecnologia*, uma comunidade virtual da rede social *Facebook*, que agrega afrodescendentes de todo o país para discutirem sobre cursos, oportunidades, lançamentos e conteúdos relacionados à Tecnologia da Informação e Comunicação, visando a inserção da comunidade negra no mercado produtivo deste setor e também a criação de diversos produtos que contemplem a cultura e história das relações sociais do negro na sociedade brasileira.

É interessante ressaltar que a instrumentalização de jovens negros para trabalharem no mercado da tecnologia e da produção de conteúdo pode ser feita de diferentes formas, levando em conta os contextos nos quais estes estão inseridos. No

---

<sup>14</sup> Consideramos aqui as concepções de Bush e Nelson (1940) para hipertexto, como um sistema em que as informações são ligadas por meio de links navegáveis, cujas partes poderiam ser acessadas pelos usuário em qualquer ordem, caracterizando uma forma customizada de leitura e escrita.

que tange à formação do professor pesquisador, discutiremos na sessão seguinte a importância da implementação, nos cursos das Ciências Humanas, a abordagem interdisciplinar que os programas de bolsas de iniciação científica e tecnológica proporcionam ao longo do processo formativo, tendo como base a experiência vivida pelo próprio autor do presente trabalho, durante a graduação no bacharelado em Letras Vernáculas, como também o posicionamento de diferentes autores.

#### **4.2 Tecnologia e Formação dos Profissionais de Letras: A Experiência em Programas de Iniciação Tecnológica e Inovação Durante a Graduação em Letras Vernáculas**

A resposta ao questionamento proposto na sessão anterior, sobre o que o profissional de Letras, aquele que, por definição, trabalha diretamente com a escritura, a análise e o fomento à leitura de textos, sejam eles literários ou de qualquer gênero, está fazendo para reverter o quadro atual e histórico do Brasil, com índices de leitura e consumo cultural baixos, está diretamente ligada à forma como a categoria tem enxergado o seu lugar nos últimos anos. A imagem que se construiu do estudante/profissional de Letras é aquela estrita e unicamente relacionada à reprodução e ensino de normas gramaticais e movimentos literários no contexto ensino-aprendizagem, sendo a sua atuação como intelectual responsável pela produção de conteúdos críticos e que respondam às demandas socioculturais da contemporaneidade deveras ignorada. Desse modo, muitas vezes, essas atribuições – o que eu chamaria até mesmo de estereótipo – acaba limitando o potencial de muitos estudantes na graduação, deixando-os fora de trabalhos que possam contribuir para a popularização da ciência e tecnologia e para a produção de conteúdos originais.

Como informado no início deste trabalho, o desenvolvimento dos aplicativos *Escrituras Negras no A TARDE Cultural* e *Afro-baianidade no A TARDE Cultural* foi possível graças a um *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI)*, do CNPq, oferecido ao IFBA através de bolsas institucionais com duração de 12 meses cada. O programa, segundo

descrição<sup>15</sup> fornecida pelo CNPq “*tem por objetivo estimular os jovens do ensino superior nas atividades, metodologias, conhecimentos e práticas próprias ao desenvolvimento tecnológico e processos de inovação*”. O graduando ou o seu professor orientador deve estipular uma meta a ser alcançada, sintetizada na criação e desenvolvimento de um produto de viés tecnológico que possa contribuir com o desenvolvimento social de diferentes formas (economia criativa, acesso à informação, produção industrial, sustentabilidade e adjacências), sendo que para alcançá-la, deve pesquisar os meios que possam viabilizar a sua concretização. Este produto deve ser entregue ou disponibilizado à comunidade para a qual se destina e os resultados do trabalho de pesquisa, divulgados em congressos, seminários obrigatórios e demais eventos acadêmicos, através da produção e apresentação de um artigo.

Geralmente, apenas estudantes de cursos de ciências exatas ou da natureza optam por realizar este tipo de iniciação científica, devido a facilidade em tratar com equipamentos e metodologias tecnológicas, contudo, o CNPq não impõe restrições a estudante de áreas de ciências humanas e artes que queiram desenvolver trabalhos de pesquisa envolvendo a produção tecnológica e inovação.

Ainda que o estudante de Letras esteja no curso objetivando exclusivamente a carreira na docência, o interesse pela tecnologia deve ser fomentado, conforme aponta ROSA (2010), ao lembrar que

a educação também passa a exigir esses conhecimentos já que a tecnologia tem sido mais um elemento colocado nas mãos da escola para que esta, por sua competência e capacidade de alcance, cumpra o que está proposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9394/96, revogada pela Lei 11.274/2006, que diz que a tecnologia é também demanda da escola a partir do Ensino Fundamental. (p. 02)

Inclusive,

a escola tem sido apontada como mediadora entre a sociedade e a tecnologia. Isso não é sem causa. Quando a LDB de 2006, ratifica a inserção da tecnologia na escola e amplia isso para o ensino superior, o que se quer é letrar professores, e tantos outros profissionais, digitalmente. Esse seria o caminho mais curto para alcançar o que pretendiam os debates e acordos saídos das discussões sobre inclusão digital para os países da América Latina e do Caribe. Dito de outro jeito, a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu o atraso digital como uma das quatro grandes mazelas da atualidade, ao lado da fome, do desemprego e do analfabetismo. (ROSA, Aliete Gomes Carneiro, 2010, p. 03)

---

<sup>15</sup> Vide <http://www.cnpq.br/web/guest/pibiti>

Este posicionamento é reverberado pelas considerações de MOREIRA (2013), que reafirma a importância da instrumentalização tecnológica para o professor de línguas e literaturas, uma vez que

Dentre as múltiplas práticas do letramento que eclodem no espaço escola/sala de aula, concebemos o letramento digital enquanto possível caminho de inclusão social, para professores e alunos, a ser praticado adequadamente pelo professor ao utilizar as tecnologias em sala de aula, a fim de possibilitar ao aluno “links” na relação entre os conteúdos programáticos e seus usos diários. Na tentativa de combater, deste modo, um ensino de caráter ultrapassado e/ou descontextualizado, relacionando conteúdo programático ao conhecimento prévio do aluno, fruto do contexto o qual o aluno está inserido, neste caso, com ênfase nos espaços digitais. (p. 27)

A Legislação é clara quanto à importância do uso de ferramentas tecnológicas no processo de formação do docente, uma vez que estabelece que ações sejam tomadas pelo Ministério da Educação – MEC a fim de promover a inclusão digital para facilitar os trabalhos de letramentos e multiletramentos nos mais distintos ambientes e para os mais diversos grupos. Destaquemos projetos como o PROINFO, que visa a difusão da inclusão digital e tecnológica através da inclusão, em escolas e ambientes de aprendizagem do ensino fundamental e médio, de equipamentos e profissionais de tecnologia, como também os programas de treinamento de professores para o ensino digital e o uso das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). (PAIVA, Vera Menezes de Oliveira, 2013)

Se o profissional que ensina línguas e suas literaturas precisa estar atento às novas tecnologias como instrumentalização essencial para o seu trabalho, o redator, o escritor, roteirista, editor e tantos outros profissionais inerentes às diversas ramificações da área das Letras também devem estar sempre atualizados quanto as novas tecnologias de criação e desenvolvimento de conteúdos, principalmente no que diz respeito à distribuição e democratização do acesso pelos diferentes grupos sociais. Um ponto de vista aparentemente utópico, mas que já se configura como realidade no caso da graduação em Letras – Tecnologia da Edição, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), que visa “*formar profissionais preparados para o tratamento de textos originais e sua publicação, tendo em vista as diversas tecnologias de leitura e escrita, de natureza impressa e digital*”, oferecendo disciplinas como Contexto Social e Profissional, Processos de Edição, Administração, Teoria da Literatura, Projeto Editorial, Gestão de Negócios, Teoria dos Signos, Estudos de Imagem e todas as matérias inerentes à formação profissional em Letras, como

Linguística e suas ramificações, Literatura e suas ramificações, entre outras. (BRASIL, 2010)

Para cumprir as metas estabelecidas pelo projeto que assinei em conjunto com a professora orientadora Dra. Maria da Conceição Pinheiro Araújo e desenvolver o aplicativo de leitura, tive de procurar ferramentas em áreas que até então desconhecia, o que resultou em um rico diálogo e troca de conhecimentos com estudantes e pesquisadores de cursos de ciências da computação, engenharia de software, Tecnologia da Informação e Comunicação, Jornalismo e etc. Esse tipo de interação, creio eu, só faz bem ao desenvolvimento científico como um todo e ajuda a engrandecer a experiência de pesquisa, uma vez que a interdisciplinaridade agrega os indivíduos que passam a colaborar entre si, compartilhando diferentes conhecimentos e experiências. Sendo assim, o fomento a ações interdisciplinares, que promovam o intercâmbio entre estudantes de ciências humanas e exatas e que colaborem com o desenvolvimento da inovação, como o caso dos programas de iniciação tecnológica, deve ser privilegiado nos cursos de Letras, uma vez que estimula a criatividade, a inovação, o diálogo e, principalmente, a interdisciplinaridade, sobre a qual passamos muito tempo discutindo em sala de aula, mas muitas vezes não encontramos as vias de efetivá-la na prática.

#### **4.3 Da Expressão Textual e Literária à Linguística Algorítmica: A Criação de Códigos-fonte de Aplicativos de Leitura na Contemporaneidade e a Metodologia de Produção do App *Afro-baianidade no A TARDE Cultural***

Para que possamos nos expressar textualmente, através da linguagem, é necessário que haja normas que fazem com que o resultado da expressão seja um texto coeso, coerente, de modo que o interlocutor capte a mensagem com facilidade e possa, caso solicitado, responder ou interagir com aquele conteúdo. O mesmo princípio se aplica quando falamos de linguagem de programação, que também é dotada de uma sintaxe própria, cuja diferença essencial da linguagem humana é que o interlocutor, no caso, é uma máquina regida por um sistema operacional específico. A esta interação dá-se o nome de Lógica de Programação, que, na visão de SANTIAGO e DAZZI (2003), “*é a viga mestra de um indivíduo que domina as qualidades de um bom programador*”. De



forma mais aprofundada, STAHKNE (1999) sintetiza melhor essa correspondência entre as duas linguagens supracitadas, ao determinar que

Uma linguagem de programação é uma notação formal para descrição de algoritmos que serão executados por um computador. Como todas as notações formais, uma linguagem de programação tem dois componentes: Sintaxe e Semântica. A sintaxe consiste em um conjunto de regras formais, que especificam a composição de programas a partir de letras, dígitos, e outros símbolos. Por exemplo, regras de sintaxe podem especificar que cada parêntese aberto em uma expressão aritmética deve corresponder a um parêntese fechado, e que dois comandos quaisquer devem ser separados por um ponto-e-vírgula. As regras de semântica especificam o “significado” de qualquer programa, sintaticamente válido, escrito na linguagem. (p. 14)

No que diz respeito ao desenvolvimento do aplicativo *Afro-baianidade no A TARDE Cultural*, foi realizado um trabalho nas duas linguagens, a textual, contemplando também o que chamamos leitura e análise literária, e também na linguagem de programação, através da formulação de sequências lógicas de algoritmos para que o aplicativo pudesse “rodar”<sup>16</sup> nos dispositivos para ele designados. Primeiramente, antes de detalharmos a metodologia empregada no processo de leitura produção textual e editorial e o desenvolvimento da programação do referido aplicativo, vamos fazer um apanhado geral sobre as novas tendências de programação de aplicativos, as plataformas on-line e como essa tecnologia é importante para estimular a criatividade, o raciocínio lógico e a interdisciplinaridade nos processos de formação profissional.

As tendências mais recentes na formulação de linguagens algorítmicas e lógicas de programação estão diretamente relacionadas à facilidade de compreensão pelo público que ainda está aprendendo, portanto, nota-se uma preocupação nata em desenvolvê-las para aplicação nos contextos de ensino-aprendizagem, uma vez que estão sendo desenvolvidos, com maior frequência, compiladores que simplificam a experiência de quem está começando a programar, mesmo de forma autodidata, como também nos cursos específicos e graduações na área de computação. Tem-se como exemplo desses compiladores o *Portugol Studio*, voltado para programadores falantes de língua portuguesa, que utiliza prefixos de palavras em português nas sequências lógicas de algoritmo. Esta ferramenta, contudo, é exclusiva para treinamento, uma vez

---

<sup>16</sup>O verbo rodar, neste sentido, pode ser entendido como executar. É um uso comum do verbo na área de programação e desenvolvimento de *softwares*. O mesmo vale para a adjetivação deste verbo. Como em “executável”, é comum ouvirmos/lermos “rodável”, nos ambientes de programação.

que, apesar de apresentar um compilador que execute rápida e facilmente os algoritmos dispostos no seu IDE<sup>17</sup>, é um código que não é executável em qualquer outra SKD<sup>18</sup>.

Para programar um aplicativo de leitura para plataformas utilizadas pela grande massa de usuários é necessário utilizar as chamadas linguagens de nível superior,

como o Java para o Android, Objective-C para iOS, ou C# para Windows Phone. As APIs nativas são fornecidas para o desenvolvedor como parte do SDK da plataforma. As APIs da plataforma são normalmente concebidas para fornecer aplicativos nativos de acesso ideal para as capacidades de hardware, como a câmera do dispositivo e emparelhamento de Bluetooth. Além disso, os usuários podem ser capazes de usar esses aplicativos sem uma conexão com a Internet. (DA SILVA, *et al*, 2015, p. 26)

No caso do aplicativo Afro-baianidade no A TARDE Cultural, foi usado um *framework*<sup>19</sup> livre de código semi-aberto, cuja linguagem acessa diferentes plataformas de execução. O motivo de ter se escolhido desenvolver o aplicativo nesse tipo de plataforma de desenvolvimento é o fato de que, em um tempo hábil, o aplicativo pode ser disponibilizado para diferentes plataformas de usuários, contemplando um público maior, tanto em número como em diversidade, pois abarcará usuários de plataformas mais caras e fechadas, como o iOS e também plataformas mais abertas e populares, como o *Android* e o *Windows Phone*. O *framework* usado foi o *AppMachine*, através da plataforma de desenvolvimento on-line disponibilizada pelos responsáveis pelo *framework*. Além de ser um método mais prático para programar para plataformas distintas sem ter de desenvolver um aplicativo por vez em cada linguagem específica, a utilização de *framework* se deu por conta do baixo custo de produção que ela representa, uma vez que as taxas de hospedagem do aplicativo nas plataformas de distribuição são substituídas através de apenas um pagamento à empresa responsável pelo *framework*.

Contudo, antes da programação do aplicativo em si, a metodologia empregada neste trabalho de conclusão de curso foi dividida em três partes, sendo a primeira, intitulada Fase de Produção Textual e Pesquisa, para Formação do Banco de Dados. Nesta primeira etapa do processo de desenvolvimento do aplicativo, foi realizada uma

---

<sup>17</sup> IDE, da sigla *IntegratedDevelopmentEnviroment* é um espaço dentro dos softwares de programação de aplicativos, no qual o programador pode escrever o código-fonte.

<sup>18</sup> SDK é a sigla para Software Development Kit (ou Software Developers Kit – pacote de desenvolvimento de software). É esse pacote que permite à programadores elaborarem aplicativos para rodarem em uma plataforma específica.

<sup>19</sup> Framework é uma plataforma de desenvolvimento que já abriga um código-fonte básico para o gerenciamento de dados e de design de aplicativos, apresentando uma arquitetura básica para programadores. Alguns podem disponibilizar um código aberto, editável e outros, um código fechado, impedindo os programadores de modificarem.

pesquisa bibliográfica em fonte primária, com o objetivo de coletar os exemplares do *A TARDE Cultural* e realizar o processo de digitalização com uma câmera fotográfica semiprofissional *Sony Alpha Dslr 20.1 MP*. Após este processo de digitalização, foi feita a seleção e leitura dos textos que compõem o aplicativo de leitura. Para cada texto, foi feita uma resenha descritiva que também foram disponibilizadas no aplicativo de leitura. As imagens passaram por um tratamento, através do programa de edição de imagens *Picasa 3*, no intuito melhorar a resolução e destacar o texto em detrimento do papel. Também foi aplicado um filtro para deixar as imagens com a aparência envelhecida. Também foi feita a leitura de materiais sobre a temática da afro-baianidade, juntamente com outras pesquisas sobre a imprensa baiana e sua relação com as os temas negros, como forma de embasara abordagem de construção do aplicativo e também a própria escrita deste trabalho.

A segunda fase da metodologia empregada neste trabalho de conclusão de curso foi denominada de “elaboração conceitual e utilitária do aplicativo”, consistiu em delimitar as abrangências do software e suas utilidades práticas. Basicamente, é a criação do modelo que o aplicativo seguiria, com todas as suas funções. Para tal efeito, foi realizado um estudo sobre as novas tendências em aplicativos de leitura e mídia, a fim de que o Afro-baianidade no *A TARDE Cultural* fosse moderno, arrojado e atendesse às demandas de consumo de mídia e leitura na contemporaneidade. Foi estabelecido que as abas do aplicativo seriam:

1. **DIGITALIZAÇÕES:** contendo as fotos dos originais do *A TARDE Cultural*, com opção de ampliação da imagem sem distorção, para facilitar a leitura do texto pelo usuário;
2. **RESENHAS:** Aba que abre arquivos em formato PDF das resenhas feitas para o aplicativo;
3. **ARTIGOS:** Página do aplicativo que disponibiliza, em PDF, os artigos produzidos durante a pesquisa realizada no IFBA com as escrituras negras no caderno cultural do Jornal *A TARDE*, e que foram apresentados em eventos acadêmicos. A princípio, a base de dados está alimentada com 03 arquivos escritos e publicados por Lucas C. S. Portela e Maria da Conceição Pinheiro Araújo;

4. **EVENTOS AFRO:** Calendário de eventos de temática afro, como ensaios de blocos afro, ciclo de palestras, eventos acadêmicos, encontros, oficinas e afins, previsto para ser atualizado mensalmente;
5. **MÚSICA:** Seleção de 10 músicas que marcaram a trajetória dos blocos afro, podendo ser executadas no player do próprio dispositivo;
6. **FICHA TÉCNICA:** Aba que contém a foto, o nome e uma minibiografia dos responsáveis pelo desenvolvimento do aplicativo, como Lucas C. S. Portela e as professoras orientadoras Dra. Maria da Conceição Pinheiro Araújo e Livia Maria Natália Santos.
7. **RRS:** Da sigla *Really Simple Syndication*, mecanismo que sincroniza as redes sociais com um determinado software. Neste caso, foi sincronizada a fanpage do Grupo de Pesquisa Linguagem e Representação (IFBA – Campus Salvador), bem como seu site institucional ([www.gplr.ifba.edu.br](http://www.gplr.ifba.edu.br)), fazendo com que o usuário passe a acompanhar as notícias e conteúdos pelo próprio aplicativo;
8. **APRESENTAÇÃO:** Página que apresenta uma síntese da origem e do propósito do aplicativo, servindo como uma espécie de “boas-vindas” ao usuário.

A terceira fase foi a da programação em si. Como dito acima, o aplicativo foi montado a partir de um *framework* de código-fonte aberto, o *AppMachine*, e, nesta etapa de produção, foram colocados todos os conteúdos supracitados no aplicativo. Também foi a etapa em que se constituiu o design do aplicativo, a logomarca (figura 11) e os planos de fundo que iriam dar o acabamento artístico. A logomarca foi feita utilizando o software *Adobe Illustrator CC*, em arte vetorial, e foi pensada como uma síntese da aproximação entre a África e a Bahia, através das cores dos blocos afro. Para os planos de fundo das diferentes abas do aplicativo, foram utilizadas estampas étnicas de diferentes traços.



(Figura 11 – logomarca do aplicativo *Afro-baianidade no A TARDE Cultural*)

A última etapa da terceira fase do trabalho metodológico que norteou o presente trabalho foi a alocação do aplicativo nas plataformas de distribuição e venda dos sistemas *Android*, *iOS* e *Windows Phone*. Através da solicitação enviada à operadora do *framework*, a *AppMachine*, para que o aplicativo fosse disponibilizado nas plataformas *GooglePlay*, *AppStore* e *Windows Store*. Até o presente momento, esta fase ainda está em processo de conclusão. Tão logo o aplicativo esteja disponível para download gratuito por qualquer usuário do mundo, iniciará o trabalho de divulgação do produto nas redes oficiais do IFBA – Campus Salvador e do GPLR – Grupo de Pesquisa Linguagem e Representação, como também será feito um evento para o lançamento deste.

Desse modo, a metodologia empregada neste trabalho de conclusão de curso foi tão ramificada quanto os conteúdos trabalhados em toda a graduação em Letras. Um trabalho que estimulou a interdisciplinaridade e o trabalho voltado para a multiculturalidade, uma vez que leitura, no aplicativo, vai implicar em música, em artes plásticas, em memória e em preservação de originais e em escrita acadêmica, contemplando várias linguagens de expressão, inclusive a numérica, a lógica e a algorítmica, que se convertem em imagens, sons e conteúdos textuais. O interessante é que, ao passo em que as etapas iniciais da metodologia iam sendo feitas, foram descobertas todas essas novas possibilidades para o aplicativo, e viu-se a necessidade de abrigar arquivos sonoros que ambientassem o leitor com a temática dos blocos afro, ilustrando melhor a sua experiência de leitura. Tentou-se encontrar diferentes estampas e artes utilizadas roupas, fantasias e abadás dos blocos para compor o plano de fundo, mas não foram encontradas imagens em boa resolução para desenvolver o trabalho. Porém, o resultado final ficou satisfatório.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de um trabalho multidisciplinar como o desenvolvimento do aplicativo de leitura *Afro-baianidade no A TARDE Cultural* foi um modo de viver, metaforicamente, a superação daquilo que muitas vezes causa o preconceito e o racismo: o medo da diferença. Ao passo que o mundo vai se tornando cada vez mais globalizado e o que eu chamo de revolução tecnológica avança numa velocidade muitas vezes difícil de acompanhar, torna-se mais cômodo, quando você já domina um determinado conhecimento, trabalhar com o que você já sabe e não tentar explorar outras fronteiras. Contudo, acredito que no mundo acadêmico isso não possa mais ser possível. A multiculturalidade e a interdisciplinaridade agregam grupos distintos que passam a realizar trabalhos em prol de uma motivação em comum, estimulando a criatividade e o trabalho em equipe, rompendo fronteiras de conhecimento.

Observamos pelo que foi analisado do *corpus* que a afro-baianidade é um elemento identitário forte na cultura baiana, explorado vastamente na literatura do estado, na produção musical e, claro, pelos blocos afro, que se tornaram grandes representantes da identidade negra da Bahia pelo Brasil e pelo mundo. Observa-se também que, por conta de fatores como pressões culturais na indústria do entretenimento, capitalismo e outras questões econômicas que norteiam a indústria cultural da Bahia, a afro-baianidade se apresenta de forma mais ou menos forte nos blocos afro, a depender da entidade em questão.

No que diz respeito aos objetivos traçados no projeto do presente trabalho de conclusão de curso, pode-se dizer que foram alcançados, uma vez que se identificaram traços de abordagens afro-baianas no periódico *A TARDE Cultural*, em seus textos publicados pelo ponto de vista dos blocos afro. A disponibilização destes textos em um novo formato de leitura pode aquecer o debate sobre o tema em diferentes contextos de leitura, inclusive e especialmente o educativo. Quanto às novas tendências de programação de aplicativos para dispositivos eletroportáteis, foi notada cada vez mais a preocupação de desenvolvedores de emuladores para a criação de dispositivos que simulem ambientes de aprendizado das tecnologias de programação e que facilitem e simplifiquem o trabalho de diferentes programadores, dos iniciantes aos especialistas.

Conforme foi identificado ao longo da análise do corpus e a leitura de diferentes autores sobre as temáticas levantadas por este trabalho, o negro ainda ocupa um espaço de pouca visibilidade na imprensa baiana, quando comparado ao espaço cedido para outras demandas. Isso reforça ainda mais a necessidade de se ter iniciativas que privilegiem as escrituras negras para circulação e acesso de diferentes públicos. Para tal efeito, é necessário que o chamado pesquisador negro encare esta nova roupagem de mundo, voltada para as novas tecnologias da informação e comunicação, de modo a aperfeiçoar e ampliar a sua atuação para uma perspectiva múltipla e que esteja ligada à forma de se criar canais para a veiculação de suas demandas e conteúdos. A busca pela constante instrumentalização de jovens negros para o trabalho com as diferentes tecnologias também é uma forma de garantir que haja mais indivíduos atuantes na produção e desenvolvimento de ferramentas que ajudem a difundir a africanidade e promover o debate sobre suas implicaturas na sociedade.

A realização deste trabalho, como de outros que foram desenvolvidos ao longo desta graduação em Letras, serviu como uma ilustração de como a perspectiva da inovação é importante para a formação profissional nesta área tão essencial para as relações humanas e para a formação do indivíduo. Ao longo da história, muitas portas foram fechadas para a população negra em diferentes sociedades. Outras, que poderiam promover a melhora da qualidade de vida desse grupo social em específico, diminuindo preconceitos e estereótipos que contribuíram para a segregação histórica vivida pelo mesmo, que insiste em se perpetuar na contemporaneidade. Portas que só poderiam ser abertas por mãos brancas, que não tinham motivação nenhuma para abri-las. O acesso à informação, à tecnologia produtiva e o intenso exercício criativo são formas pelas quais a negritude pode abrir e até mesmo fazer as suas próprias portas e oportunidades, no intuito de dar visibilidade às suas demandas e se firmarem no mercado de trabalho, na indústria cultural e criativa dos mais diferentes territórios, num mundo que se transforma constante e rapidamente, mas que num aspecto, nunca muda: a linguagem continua sendo o principal instrumento de libertação e empoderamento, seja ela a do homem, ou da máquina.

## REFERÊNCIAS

AGERKOP, Yukio. *Fronteiras e movimento cultural entre o Caribe e Salvador: o samba-reggae, o merengue e o reggae*. In: **Revista Brasileira do Caribe**, Brasília, vol. IX, nº 18. Jan-Jun 2009, p. 389-400. Disponível em: [www.periodicoselronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/.../347](http://www.periodicoselronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/.../347). Acesso em: Março, 2015.

ALBERTO, Paulina L. *Para africano ver: intercâmbios africano-baianos na reinvenção da democracia racial, 1961-63*. In: **Revista Afro-Ásia**, 44 (2011), 97-150 p. Disponível em: [http://www.afroasia.ufba.br/pdf/AA\\_44\\_PLAlbero.pdf](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/AA_44_PLAlbero.pdf). Acesso em: Março, 2013.

AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos – Guia de ruas e mistérios*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2012, 1ª ed.

BRASIL, 2003. Lei 10639.

BRASIL. *Apresentação do Curso de Graduação em Letras: Tecnologias da Edição*. CEFET-MG, Minas Gerais, 2010. Disponível em: <http://www.letras.cefetmg.br/curso.html>. Acesso em: Outubro, 2015.

BRASIL. *Curso de Especialização Em Estudos Étnicos e Raciais*. Salvador-BA, 2012.

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília-DF, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acesso em: Março, 2015.

CAMARGO, Liriane; VODOTTI, Silvana. *Arquitetura da informação para biblioteca digital personalizável*. Florianópolis-SC, 2006, . Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2006v11nesp1p103/389>. Acesso em: Junho, 2015.

CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan. *Jornalismo em transição: Do papel para o tablete... Ao final da tarde*. In: **Comunicação Digital – 10 anos de Investigação**. Disponível em:



[http://www.academia.edu/5384677/Jornalismo\\_em\\_transi%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_papel\\_para\\_o\\_tablet...\\_ao\\_final\\_da\\_tarde](http://www.academia.edu/5384677/Jornalismo_em_transi%C3%A7%C3%A3o_do_papel_para_o_tablet..._ao_final_da_tarde); Acesso em: Junho, 2015.

DA CUNHA, Murilo Bastos. *Desafios na construção de uma biblioteca digital*. Brasília-DF, 1999, pág. 257-268. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/ci/v28n3/v28n3a3.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ci/v28n3/v28n3a3.pdf). Acesso em: Maio, 2015.

DA SILVA, Ana Célia. *Movimento negro brasileiro e sua trajetória para a inclusão da diversidade étnico-racial*. In: **Revista da FAEBA**, Salvador, v. 11, n. 17, p. 139-152, jan./jun. 2002.

DA SILVA, Leandro Luquetti; PIRES, Daniel Facciolo; NETO, Silvio Carvalho. *Desenvolvimento de aplicações para dispositivos móveis: tipos e exemplos de aplicação na plataforma iOS*. Goiânia-GO, 2015. Disponível em: <http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoes/wicsi/2015/004.pdf>. Acesso em: Outubro, 2015.

DAVIS, Natalie Zemon. **O povo e a cultura impressa**. In: \_\_\_\_\_. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DE NÓBREGA, Neidson Rodrigues. *Educação: da formação humana à construção do sujeito ético*. In: *Revista de Educação e Sociologia*, VOL 22, Nº 76. Campinas-SP, 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302001000300013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302001000300013&script=sci_arttext). Acesso em: Junho, 2015.

ESPINHEIRA, Ruy. *Construção da Baianidade*. In: **A TARDE Cultural**. Salvador-BA, 1990, 09 p.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.

GUEDES, Elocir; NUNES, Pâmela; DE ANDRADE, Tatiana. *O uso da lei 10369/03 na sala de aula*. In: **Revista Latino-Americana de História**, vol 2, nº 6, 2013. Disponível em: <http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/205/159>. Acesso em: Junho, 2015.

GUEDES, Fabrícia; ALBUQUERQUE, Marriett; ALMEIDA, Filipe; NICOLAU, Marcos. *O livro digital e as novas necessidades de produção e leitura*. In: **Revista Temática**, ano IX, nº 11, Mossoró-RN, 2013. Disponível em:

[www.insite.pro.br/2013/novembro/livro\\_digital\\_necessidades.pdf](http://www.insite.pro.br/2013/novembro/livro_digital_necessidades.pdf). Acesso em: Junho, 2015.

HALL, Stewart. Que “negro” é esse na cultura negra? In: **Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Minas Gerais: UFMG, 2003. 335-349 p.

INNARELLI, Humberto Celeste. *Preservação digital: a influência da gestão dos documentos digitais na preservação da informação e da cultura*. In: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas-SP, 2011, 72-87 p. Disponível em: [www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/487](http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/487). Acesso em: Junho, 2015.

KUSCHNIR, Karina. *Bakhtin, Ginzburg e a cultura popular*. In: **Caderno de Campos**, São Paulo-SP, n° 03, 1993. Disponível em: [www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50590](http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50590). Acesso em: Maio, 2015.

LIMA, Ari. *A diáspora afro-baiana*. In: **A TARDE Cultural**. Salvador-BA, 1994, 02 p.

LIMA, Ari. *Muzenza – Vitória sobre o estigma*. In: **A TARDE Cultural**. Salvador-BA, 1997, 06 p.

LOURENÇO, Mariana Simões. *Edição digital: aspectos e perspectivas da produção de eBooks no Brasil*. Rio de Janeiro-RJ, 2004. Disponível em: 200-142-86-53.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marianasimoes.pdf. Acesso em: Maio, 2015.

MEDRADO, Antônio. *Olodum – Um antes, um depois*. In: **A TARDE Cultural**. Salvador-BA, 1994, 11 p.

MELLO, Adilson da Silva; CÂNDIDO, Otávio. *Uma leitura de “circularidade” entre culturas em Carlo Ginzburg*. Disponível em: [publicacoes.fatea.br/index.php/janus/article/viewFile/42/45](http://publicacoes.fatea.br/index.php/janus/article/viewFile/42/45). Acesso em: Maio, 2015.

MORALES, Anamaria. *Blocos negros em Salvador: Reelaboração cultural e símbolos de baianidade*. Salvador-BA: **Caderno CRH**, 1991, 72-92 p.

OHIRA, Maria Lourdes Blatt; PRADO, Noêmia Schoffen. *Bibliotecas virtuais e digitais: análise de artigos de periódicos brasileiros (1995/2000)*. Brasília-DF, 2002, 61-74 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n1/a07v31n1.pdf>. Acesso em: Agosto, 2015.

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. *Africanidades espetaculares dos blocos afro: Ilê Aiyê, Olodum, Malê Debalê e Bankoma para a cena contemporânea numa cidade transatlântica*. Salvador-BA, 2012. Disponível em: [www.portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/6869/4724](http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/6869/4724). Acesso em: Junho, 2015.

PARAÍSO, Juarez. *A Arte Plástica nas Ruas*. In: **A TARDE Cultural**. Salvador-BA, 1990, 06-07 p.

PINHO, Osmundo. “*A Bahia no fundamental*”: *Notas para uma interpretação do discurso ideológico da baianidade*. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol 13, nº 36, São Paulo-SP, 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000100007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000100007&script=sci_arttext). Acesso em: Maio, 2015.

PINHO, Osmundo. *O mundo negro: hermenêutica da reafrikanização em Salvador*. Curitiba: Progressiva, 2010.

RIOS, Márcia. *Quem botou grife no acarajé?* In: **A TARDE Cultural**. Salvador-BA, 1998, 06 p.

ROSA, Aliete Gomes. *Introdução à informática no curso de Letras: formação e uso da tecnologia no ensino*. Recife-PE, 2010. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Aliete-Gomes-Carneiro-Rosa.pdf>. Acesso em: Maio, 2015.

SANTIAGO, Jocevaldo Lopes; LIMA, Rachel Esteves. *Panorama da crítica literária no suplemento cultural do jornal A TARDE*. Salvador-BA, 2010. Disponível em: [www.cult.ufba.br/wordpress/24684.pdf](http://www.cult.ufba.br/wordpress/24684.pdf). Acesso em: Maio, 2015.

TEIXEIRA, MCR. *Em busca de textos publicados em periódicos baianos*. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens**, nº 03, UNEB, Salvador-BA, 2011. Disponível em: [www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/147](http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/147). Acesso em: Março, 2015.

VEIGA, Ericivaldo. *A Jamaica é aqui – anotações sobre a presença de Marley em Salvador*. In: **A TARDE Cultural**. Salvador-BA, 1994, 06-07 p.

VEIGA, Ericivaldo. *A metáfora do pirão*. In: **A TARDE Cultural**. Salvador-BA, 1995, 02-03 p.